

boletim paradigma

vol 03
ago 2008

Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental

Roberto Banaco entrevista Sílvio Botomé e Olga Kubo

Resenha
"A abordagem behaviorista do comportamento novo"

O uso de testes na orientação profissional

História de Vida
Margarida Hofmann Windholz

O que você acharia do seu trabalho se este fosse adaptado para que você gostasse dele?

Bullyng e relações hostis na infância

Conheça os ganhadores do I Prêmio Paradigma

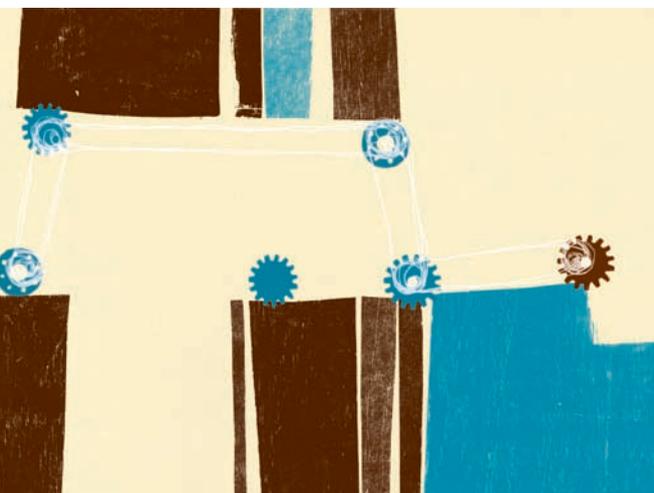


Ilustração da capa: Silvia Amstalden

Quem somos

O Núcleo Paradigma é um núcleo de estudos, consultoria e pesquisa, que tem como objetivo a busca de soluções para problemas relacionados ao comportamento humano nas mais diversas áreas de atuação da psicologia. Oferece os seguintes serviços e atividades:

- Aprimoramento, especialização, atualização e extensão para terapeutas e acompanhantes terapêuticos.
- Atualização e extensão para estudantes e profissionais em diferentes áreas de aplicação da análise do comportamento, tais como o esporte, educação e organizações.
- Clínica composta por terapeutas e acompanhantes terapêuticos (ATs) que trabalham sob a perspectiva analítico-comportamental.
- Eventos culturais que favorecem o diálogo da psicologia com diferentes áreas do conhecimento e da arte.

boletim paradigma

Uma Publicação do Núcleo Paradigma
– Consultoria, Ensino e Pesquisa.
São Paulo, vol. 3, agosto de 2008

Coordenação editorial

Roberta Kovac
Joana Singer Vermes

Comissão executiva

Roberta Kovac
Joana Singer Vermes
Denis Zamignani
Roberto Alves Banaco

Projeto gráfico e diagramação

Silvia Amstalden



Núcleo Paradigma
Consultoria, Ensino e Pesquisa.
Rua Vanderlei, 611,
Perdizes São Paulo-SP
CEP 05011-001
TEL: 55 11 3864 9732

www.nucleoparadigma.com.br
contato@nucleoparadigma.com.br

Agosto 2008
Tiragem: 3.000 exemplares

Sumário

Editorial 03

Notícias 04

Agenda 06

Teoria e aplicação 09

Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental

Denis Roberto Zamignani, Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto e Sonia Beatriz Meyer

Paradigma entrevista 18

Roberto Alves Banaco entrevista Sílvio Paulo Botomé e Olga Mitsue Kubo

Na estante 26

“A abordagem behaviorista do comportamento novo”

Resenha de Yara Nico

Análise do comportamento e educação 29

O uso de testes na orientação profissional analítico-comportamental

Marcio Alleoni Marcos, Giovana Del Prette, Maria Amália Morais Pereira, Marina Mazer e Sueli Amaral

História de vida [Margarida Windholz] 33

O Boletim Paradigma inaugura a seção *História de Vida* e apresenta para a comunidade relatos sobre a vida de personalidades importantes na história da Análise do Comportamento no Brasil

Denis Roberto Zamignani, Joana Singer Vermes e Roberta Kovac

Análise do comportamento e trabalho 37

O que você acharia do seu trabalho se este fosse adaptado para que você gostasse dele?

Livia Aureliano, Gabriel Gonçalves Careli, Renata de Medeiros R. Penalva Reali, Fernanda Alvarenga Meirelles, Patrícia Gratão Gregui, Cristina Yuri Arima, Daniel Josiek Veiga, Ronivaldo de Souza Silva e Maria Izabel Costa

Comportamento em cena 42

“Lucas: Um intruso no formigueiro”

Filme infantil aborda *bullying* e relações hostis na infância

Giovana Del Prette

Prêmio paradigma 47

Confira as notícias da Jornada Científica e da premiação dos melhores trabalhos inscritos no I Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento

curso de especialização em

CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

curso credenciado junto ao Conselho Federal de Psicologia

coordenação

ROBERTO ALVES BANACO

YARA CLARO NICO

Corpo docente de altíssimo nível
(100% mestres ou doutores)

Grade de disciplinas coesa e concisa

Apresenta, de forma gradual, os conteúdos programados

Aborda, com profundidade, as bases filosóficas, teoria e técnicas da análise do comportamento

Visa ao desenvolvimento de habilidades para uma prática clínica sólida e consistente

publico de interesse

- Psicólogos
- Médicos [residência em psiquiatria]
- Estudantes

[último ano de graduação em psicologia ou residência em psiquiatria]

programa

4 módulos

10 encontros quinzenais por módulo

400 horas de disciplinas teóricas

120 horas de supervisão

80 horas de atendimento clínico

Conheça nosso plano de Bolsa-Atendimento pelo qual o aluno obtém descontos em sua mensalidade a partir dos atendimentos realizados no estágio supervisionado em nossa clínica.

informações

www.nucleoparadigma.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderleij, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Editorial

Caros colegas,

É com muita satisfação que levamos às suas mãos o terceiro **Boletim Paradigma**. Este material foi idealizado como um dos principais veículos de comunicação do Paradigma com a comunidade de analistas do comportamento, trazendo informações sobre atividades e eventos da análise do comportamento em nosso espaço e no Brasil, além de artigos de interesse para pesquisadores e terapeutas.

Apresentamos neste boletim algumas novidades: a inauguração de duas seções – Paradigma Entrevista e História de Vida. Ambas vêm com a proposta de oferecer à comunidade o contato mais próximo com personalidades importantes da Análise do Comportamento e suas contribuições.

Na seção **Paradigma Entrevista**, traremos a cada edição um profissional do nosso núcleo entrevistando analistas do comportamento sobre temas de interesse para a comunidade analítico-comportamental. Nesta primeira entrevista, Roberto Banaco conversa com Silvio Botomé e Olga Kubo a respeito do sistema educacional em geral e da formação em psicologia no Brasil. O tema é de enorme relevância e os entrevistados têm larga experiência no assunto.

Em **História De Vida**, contamos um pouco sobre a trajetória e contribuições teóricas e aplicadas de um renomado analista do comportamento. Nesta edição do boletim, homenageamos a Dra. Margarida Windholz, que acaba de deixar o Brasil, mudando-se para Israel.

Como sempre, na seção **Na Estante**, apresentamos uma resenha sobre uma publicação

recente de grande relevância. Neste número, Yara Nico faz uma análise do livro “A abordagem behaviorista do comportamento novo”, de Bandini e de Rose, publicado em 2006.

Para finalizar, com orgulho publicamos algumas contribuições dos professores, alunos e terapeutas do Núcleo Paradigma. Lívia Aureliano e colaboradores, alunos de grupo de estudo sobre OBM trazem o artigo *Organizational behavior management (OBM): Análise do comportamento aplicada às organizações*. Giovana Del Prette oferece uma análise do filme “Lucas: Um intruso no formigueiro”, discutindo o tema “bullying e as relações hostis na infância”, que foi produto de uma das sessões do Cinema Paradigma. Por fim, o artigo de autoria de Denis Zamignani, Antonio Carlos Pacheco e Sonia Meyer “Uma aplicação dos Princípios da Análise do Comportamento para a Clínica: a Terapia Analítico-Comportamental” apresenta alguns dos pressupostos e características que definem a modalidade de intervenção clínica baseada na análise do comportamento.

Agradecemos enormemente a sua leitura, esperando contribuir, com esta publicação, para o desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil. Seus comentários e sugestões serão sempre bem vindos.

Forte abraço,

Joana Singer Vermes
Roberta Kovac
Denis Roberto Zamignani
Roberto Alves Banaco

Notícias 2007 e 2008

Chegamos à terceira edição deste boletim, e é com grande prazer que o Paradigma compartilha com vocês alguns dos acontecimentos ocorridos no último ano em nosso espaço.

Em 2007, demos início a um novo formato do **Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental**: agora, nosso curso é composto por quatro módulos semestrais, com aulas quinzenais, às sextas a partir do fim da tarde e aos sábados. Essa nova proposta trouxe a possibilidade de termos por perto muitos alunos de outras cidades ou que não poderiam assistir às aulas semanalmente. O resultado: as turmas vêm crescendo a cada semestre, e nós podemos ter o prazer de trocar, cada vez mais, com pessoas preocupadas com suas práticas profissionais. Em agosto deste ano, recebemos a sexta turma para especialização e, ao final do ano, teremos a terceira turma a se formar – motivo para satisfação é o que não falta...

No segundo semestre de 2007 demos também início ao **Curso de Formação em Acompanhamento Terapêutico e Atendimento Extraconsultório**, tendo a primeira turma se formado no final de junho de 2008. Neste mês de agosto, recebemos a segunda turma.

Outra notícia importante: 2007 foi também um ano no qual o Paradigma pôde se debruçar com mais atenção sobre a área relacionada à análise do comportamento aplicada ao trabalho. Contamos, desde então, com a Lívia

Aureliano, que vem conduzindo grupos de estudos e cursos sobre **OBM** (*Organizational Behavior Management*). A crescente procura por esses nossos cursos e grupos de estudo vem revelando uma área que merece mais atenção do nosso espaço e dos analistas do comportamento pelo Brasil afora.

Em junho deste ano, tivemos a terceira edição do **Curso de Introdução à Terapia Analítico-Comportamental Infantil**, coordenado por Joana Singer Vermes. Dessa vez, o curso foi marcado pela presença de alunos de diversos lugares do Brasil. Durante dois finais de semana, tivemos a honra de ter, em nosso curso, terapeutas infantis com larga experiência ensinando sobre essa prática que se encontra em franco desenvolvimento aqui no Brasil.

Algumas atividades que já vinham com sucesso desde 2006 continuam a todo vapor. O **Curso Tópicos Avançados em Clínica Analítico-Comportamental**, que ocorre todo mês sob coordenação de Roberto Banaco vem registrando um aumento constante de participantes. A cada mês, temos um especialista numa área discutindo temas avançados de interesse para terapeutas e pesquisadores.

O **Cinema Paradigma**, uma atividade aberta à comunidade, também tem sido um sucesso. Filmes como “Tropa de Elite”, “Duelo de Titãs”, “O Diabo Veste Prada”, “O Fabuloso Destino de Amelie Poulin”, “Lucas, um intruso no formigueiro”, entre outros títulos, foram base para

interessantíssimas discussões entre um profissional e o público, sempre com temas relacionados à psicologia e de interesse geral.

Outra novidade é que em 2007 e 2008, nossa biblioteca teve seu acervo aumentado. Gentilmente, recebemos doações da Dra. Cristiana Vallias de Oliveira Lima, do Dr. Ivan Braun e da Dra. Margarida Windholz. Hoje temos uma biblioteca composta por títulos importantes em análise do comportamento e diversas áreas afins, além de periódicos e manuais – todos fundamentais para a formação profissional e reciclagem de professores, alunos e terapeutas.

Em 2008, concretizou-se também um de nossos grandes sonhos: o **Prêmio Paradigma** – um evento que visa proporcionar o debate científico e premiar, nas categorias trabalhos de conclusão de curso (graduação), monografias (especialização), dissertações (mestrado) e teses (doutorado), trabalhos que tenham relevância na área da análise do comportamento. No dia 5 de julho, aconteceu em nossa sede, a cerimônia de premiação, juntamente com a Jornada I Prêmio Paradigma, na qual os trabalhos melhor colocados na avaliação dos pareceristas, de cada categoria, foram apresentados, permitindo um debate importante com a platéia.

Por fim, está em andamento um projeto de melhoria de nosso site na Internet. Em breve, ele estará ainda mais bonito, com navegação mais fácil e recheado de recursos e informações.

Foi com entusiasmo que constatamos mais um ano rico e diversificado em eventos – encontros, jornadas, congressos, simpósios – voltados para a análise do comportamento Brasil afora. São iniciativas como estas que vêm garantindo o crescimento, a consolidação e o reconhecimento da abordagem nos meios acadêmicos e além. Destacamos alguns desses eventos a seguir:

MARÇO DE 2008

- I Encontro Maringense de Análise do Comportamento – Maringá/PR

ABRIL DE 2008

- III Jornada de Análise do Comportamento (JACC) de Campinas/SP

MAIO DE 2008

- II Congresso Piauiense de Psicologia Cognitiva e Comportamental e III Encontro Nordeste de Análise do Comportamento – Teresina/PI
- V Seminário de Análise do Comportamento da Faculdade Newton Paiva – Belo Horizonte/MG
- XII Simpósio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia e II Encontro Latinoamericano de Intercâmbio Universitário em Psicologia – Natal/RN
- 34ª Convenção Anual da Association for Behavior Analysis - de 23 a 27 de maio em Chicago/EUA

JUNHO DE 2008

- VIII Encontro de Análise do Comportamento do Centro-Oeste
- IX Jornada Mineira de Ciência do Comportamento – Belo Horizonte/MG
- II Simpósio de Psicologia Clínica do Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia – Londrina/PR
- VIII Encontro de Análise do Comportamento do Centro-Oeste
- III Jornada de Psicologia: Neurociências e Comportamento – São Paulo/SP
- Jornada de Análise do Comportamento de Ribeirão Preto/SP

JULHO DE 2008

- I Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento
- LX Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – Campinas/SP

Agenda 2008 a 2009

SETEMBRO DE 2008

5 e 6 I Jornada de Análise do Comportamento e Cognitivo-Comportamental/UNIACHIETA – Jundiaí-SP – Informações: <http://br.geocities.com/jaccjundiai/>

9 a 12 Quarta conferência da European Association for Behaviour Analysis (EABA) – Madrid – Informações: <http://eaba.bangor.ac.uk/>

13 Tópicos Avançados no Núcleo Paradigma

20 V Encontro do Núcleo de Análise do Comportamento de Santos e Região – Santos-SP – Informações: nac.santos@uol.com.br

22 Cinema Paradigma. Filme: “O Príncipe das Marés”. Debate: efeitos da punição sobre filhos – relações parentais perversas – Marcio Alleoni

24 a 27 XIII Encontro Cearense de Análise do Comportamento – Informações: 85 8702 2297

OUTUBRO DE 2008

10 Tópicos Avançados no Núcleo Paradigma

25 Cinema Paradigma: Filme: “Alguém para dividir os sonhos”. Debate: Quando as variáveis terapêuticas estão no mundo natural – Denis Zamignani

28 a 31 XXXVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia – Informações: www.sbponline.org.br

NOVEMBRO DE 2008

1 e 2 VII Jornada da Análise do Comportamento da Universidade Federal de São Carlos – Informações: www.jac.ufscar.br/prog.htm

6 a 8 II Encontro Paranaense de Análise do Comportamento Informações: www.epacufpr.insidehost.com.br

8 Tópicos Avançados no Núcleo Paradigma

24 Cinema Paradigma: Filme: Sex & the City (episódio da série). Debate: Padrões de comportamento e auto-Imagem – Roberta Kovac e Joana Singer Vermes

DEZEMBRO DE 2008

6 Tópicos Avançados no Núcleo Paradigma

13 Cinema Paradigma. Filme: “Adaptação”. Debate: Desejo e vício – Antonio Carlos Pacheco

FEVEREIRO DE 2009

6 Início das aulas do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental (todas as turmas)

MARÇO DE 2009

6 Início das aulas do Curso de Aprimoramento em Terapia de Casal e Família

28 e 29 II Encontro Maringaense de Análise do Comportamento – Informações: <http://emac.ueuo.com/>

MAIO DE 2009

22 a 26 35th Annual Convention (ABA) Association for Behavior Analysis – Phoenix – Informações: www.abainternational.org

JULHO DE 2009

4 II Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento – Jornada Científica e Cerimônia de Entrega – Informações: www.nucleoparadigma.com.br

AGOSTO DE 2009

7 a 9 5ª Conferência Internacional da ABA – Association for Behavior Analysis – Noruega – Informações: www.abainternational.org

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO

coordenação

ROBERTA KOVAC

módulos

- Conceitos básicos da análise do comportamento
- Técnicas da análise do comportamento
- Noções fundamentais de transtornos psiquiátricos
- Questões da prática do AT
- Estágio supervisionado

alguns dos temas tratados nos módulos

- Conceitos básicos da análise do comportamento e a prática do AT
- Mudança por regras x contingência
- Correspondência verbal x não-verbal
- História do acompanhante terapêutico
- Definição do papel do AT e do terapeuta nos diferentes settings
- A relação com a equipe multidisciplinar e multiabordagem
- Observação e coleta de dados
- Avaliação comportamental em ambiente natural
- Variabilidade e modelagem
- Transtornos psiquiátricos
- Análise crítica dos sistemas de classificação psiquiátrica
- Noções elementares de psicofarmacoterapia
- Os principais transtornos psiquiátricos para os quais o trabalho do AT é solicitado
- O uso das técnicas e sua relação com a análise funcional do comportamento
- Questões específicas da criança e do adolescente
- Problemas escolares
- Questões éticas no atendimento extraconsultório

público de interesse

- Profissionais da área de saúde
- Psicólogos
- Estudantes de psicologia (a partir do 3º ano)
- Estudantes de psiquiatria

duração

2 semestres [10 encontros por semestre]

carga horária

120 horas de disciplinas teórico-práticas

40 horas de supervisão clínica

30 horas de prática

horário

quinzenalmente, aos sábados, das 8h30 às 18h30



paradigma

NUCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

serviço de

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO

O Serviço de Acompanhamento Terapêutico Comportamental e Atendimento Extraconsultório do Núcleo Paradigma visa oferecer um suporte terapêutico consistente, pautado num sólido corpo de conhecimento produzido pela abordagem analítico-comportamental e numa experiência de mais de uma década no desenvolvimento de trabalhos desta natureza. Conta com uma equipe estruturada para a prestação de serviços em acompanhamento terapêutico e atendimento extraconsultório, constituída por psicólogos com alto grau de capacitação nessa atividade e por alunos em formação, profissionais formandos do curso de Aprimoramento em Acompanhamento Terapêutico e Atendimento Extraconsultório e alunos do curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental, supervisionados constantemente pelos nossos profissionais.

Com essas diferentes possibilidades para a constituição de equipes de profissionais, o serviço oferecido pelo Paradigma busca atender às mais diversas necessidades e demandas por atendimento terapêutico.

coordenação de Roberta Kovac

informações

www.nucleoparadigma.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Teoria e aplicação

Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental

Denis Roberto Zamignani

Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto

Sonia Beatriz Meyer

Em setembro de 2005, analistas do comportamento de diferentes regiões do Brasil se reuniram no Núcleo Paradigma para discutir uma série de questões relacionadas à clínica e à pesquisa clínica em análise do comportamento. Um dos temas discutidos nessa reunião foi a denominação da terapia baseada nos pressupostos da análise do comportamento. O termo terapia comportamental já não respondia mais à necessidade da comunidade de analistas do comportamento, pois estava muito associado às terapias baseadas em pressupostos respondentes e/ou mediacionais, tais como a comportamental-cognitiva e outras assemelhadas.

Era necessário, por um lado, tentar unificar minimamente a forma pela qual analistas do comportamento nomeavam seu trabalho na clínica, evitando as inúmeras denominações que proliferavam nas publicações da área. Ao mesmo tempo, era importante que essa denominação especificasse sua identidade frente às outras terapias comportamentais. Depois de discutir inúmeras possibilidades, chegou-se a um nome que já vinha sendo utilizado em parte das publicações da área e que parecia responder às necessidades colocadas: Terapia

Analítico-Comportamental. O termo analítico-comportamental identifica, de imediato, a fundamentação teórica na qual essa terapia é baseada e, além disso, já vem sendo utilizado há muito tempo em diferentes áreas para referir-se a outras práticas baseadas na análise do comportamento.

O referencial teórico analítico-comportamental e suas decorrências para a terapia

A análise do comportamento tem como referencial o modelo causal de seleção por conseqüências, que dá fundamento ao paradigma operante, segundo o qual a ação do indivíduo modifica o ambiente, produzindo conseqüências que alteram o próprio organismo (Andery, Micheletto & Sérgio, 2007). De acordo com esse modelo, o indivíduo tem um papel ativo na produção de seu ambiente e de si mesmo. Não se trata, entretanto, de um indivíduo onipotente, já que ele é determinado pelas conseqüências de seu comportamento e não tem total controle sobre essas conseqüências; ele pode modificar seu ambiente, mas é um produto desse ambiente.

Ao assumir uma compreensão selecionista do comportamento – todo comportamento desempenha uma função, caso contrário, não se mantém – a análise do comportamento apresenta um modelo alternativo às explicações mecanicistas e mentalistas que a antecederam. Skinner (1974) critica as explicações que consideram que as causas dos comportamentos e dos problemas emocionais encontram-se no interior do indivíduo (ou em seu psiquismo), explicações estas adotadas por diversas psicoterapias. O conceito de modelagem, como processo por meio do qual o comportamento é moldado, tomando forma a partir de reforçamento de aproximações sucessivas, é central para a compreensão da instalação e da transformação do repertório ao longo da vida (Zamignani e Jonas, 2007).

Para a atuação clínica, esse modelo oferece uma compreensão diferenciada também para a psicopatologia: os denominados *sintomas psicopatológicos* são compreendidos como comportamentos, portanto como produtos de uma história de interação organismo-ambiente e, assim, se mantêm devido às funções que desempenham. Neste sentido, os *sintomas psicopatológicos* não são anomalias, mas comportamentos que funcionam como quaisquer comportamentos ditos “normais” (Ayllon, 1992; Banaco, 1993; García, 1992; Sidman, 1995). Esse referencial fornece ainda caminhos para o delineamento da intervenção: alterando-se as relações estabelecidas, os *sintomas* são modificados, e novamente o processo presente é a modelagem – as mudanças no comportamento são produzidas a partir das conseqüências, neste caso, planejadas pelo terapeuta.

A noção contextual e interacionista presente nesse modelo traz, como decorrência, uma análise dos comportamentos ao nível do grupo social, ou seja, implica uma análise do papel exercido pela cultura sobre seus membros, considerando as funções que determinadas estratégias de controle aplicadas por grupos e instituições sociais desempenham. Controle sobre o comportamento existe sempre; o importante é explicitar como, e em benefício de quem, esse controle ocorre. Daí também a discussão dentro da abordagem do papel exercido pela terapia que, por sua vez, perpassa a questão de “a quem serve a ciência?”.

Skinner, Solomon e Lindsley (1953), ao analisarem a cultura ocidental, condena o predomínio do controle coercitivo e seus efeitos colaterais: os denominados *problemas emocionais*. A questão de controle, portanto, não diz respeito à oposição liberdade versus controle (coercitivo), mas sim à compreensão de que o comportamento sempre estará sob controle das variáveis ambientais, ainda que também

Para a atuação clínica, esse modelo oferece uma compreensão diferenciada também para a psicopatologia: os denominados *sintomas psicopatológicos* são compreendidos como comportamentos, portanto como produtos de uma história de interação organismo-ambiente e, assim, se mantêm devido às funções que desempenham

contribua para produzir essas mesmas variáveis. Destaca a necessidade de *planejamento de uma cultura*, ou seja, de que as práticas culturais sejam transformadas de modo a promover indivíduos mais felizes e práticas úteis para a própria sobrevivência do grupo. É neste sentido que ele se posiciona como um crítico da cultura e das instituições sociais coercitivas, apontando a psicoterapia como uma prática resultante das próprias contingências aversivas vigentes, criada para solucionar os problemas gerados por essas práticas.

A esse respeito, vale destacar um aspecto importante referente aos efeitos emocionais que determinadas contingências produzem: contingências de reforçamento positivo costumam produzir sensações prazerosas, bem-estar, e contribuir para o fortalecimento do comportamento. Contingências de reforçamento negativo ou de punição, por sua vez, envolvem estimulação aversiva e, portanto, geram mal-estar ou sofrimento emocional, além de contracontrole, ou seja, tentativas do indivíduo de “burlar” ou desviar-se da coerção (Sidman, 1995).

A terapia surge como uma prática que visa promover uma interação mais favorável do indivíduo com o grupo social e com o ambiente físico, minimizando os problemas emocionais e o sofrimento. São muitas as estratégias e procedimentos que o terapeuta analítico-comportamental pode utilizar, e sua escolha vai depender muito da análise de contingências previamente realizada.

Estratégias da terapia comportamental para favorecer a mudança comportamental

Zamignani (2007), em uma análise dos sistemas de categorização utilizados para o estudo de processo em psicoterapia, identificou nove comportamentos típicos do terapeuta na sessão, cuja função vai depender do contexto em que ocorrem e das respostas motoras e emocionais que o acompanham¹.

Solicitação de relato² contempla verbalizações do terapeuta nas quais ele solicita, ao cliente, descrições a respeito de ações, eventos, sentimentos ou pensamentos, e ocorre tipicamente em situações relacionadas a coleta de dados e levantamento de informações, ao longo de qualquer etapa do processo terapêutico. Já a **Solicitação de reflexão** contempla verbalizações nas quais o terapeuta solicita, ao

cliente, qualificações, explicações, interpretações, análises ou previsões a respeito de eventos, cabendo ao cliente analisar ou estabelecer relações entre os eventos em discussão. Em sessões de terapia analítico-comportamental, essa intervenção ocorre tipicamente quando o terapeuta busca facilitar o estabelecimento de relações funcionais e a formação de auto-regras. **Facilitação** é caracterizada por verbalizações curtas ou expressões paralingüísticas que ocorrem durante a fala do cliente, e indicam atenção ao relato do cliente e sugerem a sua continuidade. **Empatia** contempla ações ou verbalizações do terapeuta que sugerem acolhimento, aceitação, cuidado, entendimento, validação da experiência ou sentimento do cliente, e informam essencialmente que o cliente é aceito, “bem-vindo”, sem implicar em avaliação ou julgamento. Essa classe de verbalizações tem sido associada tipicamente à criação de um ambiente terapêutico amistoso, seguro e não-punitivo, para que o cliente se sinta à vontade para verbalizar eventos que, em outros contextos, poderiam ser alvo de punição. **Informação** contempla verbalizações nas quais o terapeuta relata eventos ou informa o cliente sobre eventos (que não o comportamento do cliente ou de terceiros), estabelecendo ou não relações causais ou explicativas entre eles. Essa classe de verbalizações é tipicamente associada a intervenções “psicoeducacionais” e ao “enquadre” ou contrato terapêutico. **Recomendação** contempla verbalizações nas quais o terapeuta sugere alternativas de ação ao cliente ou solicita o seu engajamento em ações ou tarefas. A literatura refere-se a essa categoria também como aconselhamento, orientação, comando, ordem. **Interpretação** contempla verbalizações nas quais o terapeuta descreve, supõe ou infere relações causais e/ou explicativas (fun-

cionais, correlacionais, ou de contigüidade) a respeito do comportamento do cliente ou de terceiros, ou identifica padrões de interação do cliente e/ou de terceiros. Na literatura clínica analítico-comportamental, a análise de contingências ou análise funcional apresentada pelo terapeuta envolve, em parte, essa classe de verbalizações. **Aprovação** contempla verbalizações do terapeuta que sugerem avaliação ou julgamento favoráveis a respeito de ações, pensamentos, características ou avaliações do cliente. Dirige-se a ações ou características específicas do cliente e pressupõe o terapeuta como alguém que pode selecionar e fortalecer aspectos de seu comportamento que seriam mais ou menos apropriados. **Reprovação** contempla verbalizações do terapeuta que sugerem avaliação ou julgamento desfavorável a respeito de ações, pensamentos, características ou avaliações do cliente e, assim como **aprovação**, pressupõe o terapeuta como alguém que pode selecionar aspectos de seu comportamento – que seriam mais ou menos apropriados. **Reprovação** tem sido freqüentemente associada, na literatura clínica, a interações aversivas em psicoterapia, que podem ameaçar a manutenção da relação terapêutica.

As classes de comportamento descritas por Zamignani (2007) vão compor as diferentes estratégias de intervenção utilizadas pelos terapeutas analítico-comportamentais em diferentes momentos do processo, quando atuam em consultório, no modelo de intervenção verbal (de *gabinete*³). Meyer (2004) propôs uma classificação dos procedimentos básicos empregados pelos terapeutas neste contexto para promover mudanças no comportamento do cliente. De

acordo com esta autora, esses procedimentos básicos seriam: (1) Terapeuta fornece regras; (2) Terapeuta favorece auto-regras; (3) Terapeuta fornece estimulação suplementar; (4) Terapeuta modela repertórios.

Os dois primeiros procedimentos envolvem a especificação de alternativas de ação ou a elaboração de descrições de contingências, seja por meio do fornecimento de conselhos, ordens e descrições de contingências, seja por

As classes de comportamento descritas por Zamignani (2007) vão compor as diferentes estratégias de intervenção utilizadas pelos terapeutas analítico-comportamentais em diferentes momentos do processo, quando atuam em consultório, no modelo de intervenção verbal

meio de incentivo para a construção de auto-regras por parte do cliente. A terceira estratégia refere-se ao fornecimento de *estimulação suplementar* pelo terapeuta. De acordo com Meyer (2004), uma situação complexa é composta por um grande número de estímulos e, em alguns casos, a queixa do cliente envolve um responder sob controle discriminativo de apenas uma parte desses estímulos, gerando uma ação ineficaz para a produção de reforçadores.

O terapeuta então identifica uma propriedade do estímulo discriminativo que controla uma resposta e torna mais salientes outras propriedades do mesmo estímulo físico, que já controlam outras respostas. Essas instruções do terapeuta para que o cliente preste atenção a outros aspectos da mesma situação podem aumentar a probabilidade de que novos aspectos passem a controlar o comportamento (p. 154- 155).

Vale ressaltar que, embora tal estratégia não envolva a descrição de todos os elos da contingência, ela supõe um responder do cliente sob controle de regras, uma vez que o terapeuta descreve elementos da contingência os quais o

cliente não havia observado (regra enquanto descrição de contingências – **informação** ou **interpretação**) ou instrui o cliente a observar estes aspectos (regras enquanto instrução – **recomendação** ou **solicitação de reflexão**).

O último dos procedimentos descritos por Meyer (2004) consiste na modelagem de repertórios por meio da conseqüenciação direta dos comportamentos do cliente que ocorrem na interação com o terapeuta. Parte do pressuposto de que os comportamentos do cliente que ocorrem durante a sessão terapêutica são uma amostra de sua forma de agir em outros contextos (Follette, Naugle & Callaghan, 1996; Kohlenberg & Tsai, 1991). A modelagem direta de comportamentos envolve desde a audiência não-punitiva do terapeuta, que seleciona e fortalece respostas de aproximação e auto-exposição do cliente, até a seleção de outras respostas sociais do cliente, por meio de reforçamento diferencial. É possível agrupar as estratégias descritas pela autora em duas classes principais: as três primeiras estratégias seriam relacionadas ao controle por regras, enquanto que a última diz respeito à modelagem de comportamento a partir das conseqüências sociais dispensadas pelo terapeuta na sessão terapêutica.

As diferenças nas estratégias terapêuticas apontam para o debate, dentro da aplicação da análise do comportamento, referente ao controle por regras. Alguns autores defendem que o controle por regras é uma forma eficaz de controle do comportamento humano (por exemplo, Catania, Shimoff & Matthews, 1989); outros questionam a ênfase nesse tipo de controle na relação terapêutica (por exemplo, Guedes, 1993). Meyer (2004) afirma que este tipo de procedimento é especialmente importante nos casos em que

“as conseqüências do comportamento são muito adiadas ou escassas, tornando-se, portanto, ineficazes na modificação de comportamentos, ou quando os comportamentos que seriam modelados pelas contingências em vigor são indesejáveis” (p. 152).

Sturmey (1996), discutindo as diferentes possibilidades de utilização da análise funcional no contexto clínico, considera que a interpretação funcional pode ser utilizada como tratamento em si ou como um dos componentes do tratamento. Posição semelhante é adotada por Meyer (2004), ao afirmar que a análise funcional feita pelo terapeuta com seu cliente seria um procedimento de fornecimento de regras. O terapeuta, neste caso, deveria trabalhar com o cliente para que este desenvolva uma análise funcional do próprio comportamento e ajudá-lo a usar a análise funcional para mudar seu próprio comportamento. Para isso, ele pode apresentar a análise para o cliente (**interpretação**) ou trabalhar colaborativamente com o cliente para desenvolver uma análise funcional compartilhada. Goldiamond (1975), recomendou que o cliente fosse conduzido a elaborar sua própria análise funcional, em vez de recebê-la pronta do terapeuta (nesse caso, o terapeuta **solicita relato**, **solicita reflexão** e conseqüencia diferencialmente respostas de solução, por meio de respostas de **aprovação**, **facilitação** ou **empatia**). Isso implicaria numa participação mais ativa do cliente no próprio tratamento. Esse tipo de proposta é consonante com os dados de Matthews, Catania e Shimoff (1985), que defendem que a modelagem do comportamento verbal aumenta a probabilidade de mudança no comportamento não-verbal correspondente.

Guedes (1993), por sua vez, critica o modelo de intervenção baseado no controle por regras. Esta autora afirma que “contingências artificiais da sessão têm pouca chance de competir com as contingências, em geral, mais antigas, mais significativas e mais frequentes na vida do sujeito” (p. 84), e que a generalização a partir de conselhos ou regras só é possível para pacientes cujo repertório de comportamentos de “seguir regras” é bastante fortalecido.

Meyer (2004) e Zamignani e Jonas (2007) acrescentam outros problemas que podem envolver o seguimento de regras. Um desses problemas é o risco de que o indivíduo venha a responder sob controle da regra e deixe de emitir respostas de observação aos eventos que controlariam naturalmente a resposta em questão. Tal fenômeno tem sido denominado, na literatura de pesquisa básica, como *insensibilidade às contingências*. Estes autores apontam também que, quando conseqüências sociais (implícitas ou claramente descritas na regra), competem com as conseqüências naturais do comportamento descrito na regra, as primeiras podem sobrepujar as conseqüências naturais do responder, fazendo com que o indivíduo siga regras sob controle de aprovação social e não da contingência natural do comportamento especificado pela regra.

A discussão sobre o uso das regras ou do controle por conseqüências imediatas na interação terapêutica revela a ausência de consenso entre analistas do comportamento sobre quais as melhores maneiras de desenvolver um tratamento, a partir da perspectiva analítico-comportamental. A resposta a esta questão depende de pesquisas que demonstrem, experimentalmente, a superioridade de um ou de outro procedimento.

Em busca de uma atuação terapêutica mais consistente

A busca de consistência com os pressupostos teóricos e com a ética inerente à abordagem analítico-comportamental implica a terapia como uma prática que vai além da diminuição do sofrimento ou da substituição de comportamentos considerados problemáticos por comportamentos mais “adequados” ou “bem adaptados”. Se, por um lado, o homem é produto das contingências ambientais, por outro, ele é um agente que, por meio de seu comportamento, pode modificar essas contingências e torná-las mais favoráveis. Sendo assim, a terapia visa desenvolver a capacidade do cliente de agir com autonomia, de modo a criar as condições para que sua interação com o mundo potencialize seu acesso a reforçadores. Em busca dessa autonomia, entretanto, não se deve omitir a responsabilidade do indivíduo na produção de um ambiente

A busca de consistência com os pressupostos teóricos e com a ética inerente à abordagem analítico-comportamental implica a terapia como uma prática que vai além da diminuição do sofrimento ou da substituição de comportamentos considerados problemáticos por comportamentos mais “adequados” ou “bem adaptados”.

menos coercitivo, já que este indivíduo não é um mero receptáculo das determinações sociais (Micheleto e Sérgio, 1993), e sim alguém responsável, no sentido de ser capaz de prever, agir e manejar as conseqüências de sua própria ação.

A terapia analítico-comportamental vem-se desenvolvendo desde as primeiras aplicações clínicas da análise do comportamento, quando em 1953, Skinner, Solomon e Lindsley cunhou o termo Terapia Comportamental. Desde então, muita coisa mudou. A prática do analista do comportamento foi cada vez

mais aprimorada. Novos conceitos foram sendo estudados e incorporados à prática clínica – exemplos disso foram o enorme avanço na área de controle de estímulos e relações de equivalência e o estudo das relações comportamentais envolvidas nas emoções.

O conhecimento, cada vez mais aprofundado, sobre o comportamento verbal e suas características, contribuiu em muito para a compreensão de processos complexos de interação sócio-verbal que ocorrem na clínica. Ao mesmo tempo, a ênfase externalista da abordagem fez com que muitos analistas do comportamento se voltassem para a análise das limitações do contexto clínico de gabinete e o estudo das intervenções terapêuticas extra-consultório, o que proporcionou um grande avanço no conhecimento clínico. Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas vêm sendo desenvolvidas no Brasil e no mundo, estudando as mais diversas questões sobre a terapia analítico-comportamental, dentro e fora do consultório, e trazendo informações sobre variáveis importantes da interação terapêutica. Com isso, novos caminhos vão sendo trilhados, contribuindo para o avanço e para um melhor conhecimento da prática terapêutica do analista do comportamento.

A adoção de uma nova nomenclatura – Terapia Analítico-Comportamental – não implica na criação de uma nova forma de terapia ou abordagem terapêutica, tampouco se pretende relacionar essa denominação a um grupo ou instituição específicos. Trata-se simplesmente de uma marca, de um nome, que deve identificar a que comunidade estamos respondendo, ou de onde provêm as bases filosóficas, metodológicas, tecnológicas e conceituais que sustentam nossa prática. ■

1 Para acesso ao texto completo da tese, visite o site do Núcleo Paradigma www.nucleoparadigma.com.br.

2 Os termos em bold serão utilizados ao longo do presente artigo para referir-se às categorias de comportamentos verbais do sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica desenvolvido por Zamignani e Meyer (Zamignani, 2007).

3 Há ainda a possibilidade de que o terapeuta desenvolva sua intervenção fora do consultório, expondo o cliente a outras conseqüências do ambiente físico e social, além daquelas fornecidas pelo terapeuta. Neste caso, outros processos podem ocorrer para a promoção de mudança. O livro *A Clínica de Portas Abertas* (Zamignani, Kovac & Vermes, 2007) lançado pelo Núcleo Paradigma apresenta diversas possibilidades de intervenção nesse contexto.

Denis Roberto Zamignani é professor e supervisor do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental e coordenador administrativo do Núcleo Paradigma. Doutor em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo. Endereço para contato: denis@nucleoparadigma.com.br.

Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto é professor da Universidade Paulista. Doutor em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela Universidade de São Paulo. Aluno do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental no Núcleo Paradigma. Endereço para contato: acpacheco@osite.com.br.

Sonia Beatriz Meyer é professora Doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. Endereço para contato: sbmeyer@usp.br.

Referências bibliográficas

ANDERY, M. A. P. A., Micheletto, N. & Sérgio, T. M. A. P. (2007). Modo causal de seleção por conseqüências e a explicação do comportamento. Em: M. A. P. A. Andery, T. M. A. P. Sérgio & N. Micheletto (orgs.), Comportamento e causalidade (pp. 31-48). Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento – PUCSP.

AYLLON, T. (1992). Implicaciones clínicas de algunos conceptos del conductismo radical de Skinner. Em: M. Pérez-Álvarez (org.). Vigência de la obra de Skinner. pp. 351-358.

CATANIA, A. C., Shimoff, E. & Matthews, A. (1989). An experimental analysis of rule-governed behavior. Em S. C. Hayes (Org.), Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control (pp.119-150). New York: Plenum.

FOLLETTE, W. C., Naugle, A. E. & Callaghan, G. M. (1996). A radical behavioral understanding of the therapeutic relationship in effecting change. Behavior Therapy, 27, 623-641.

GARCÍA, M. D. C. (1992). Skinner: Bases para una nueva evaluación psicológica. Em: M. Pérez-Álvarez (org.). Vigência de la obra de Skinner. Pp. 213-229.

GOLDIAMDOND, I. (1975). Alternate sets as a framework for behavioral formulation and research. Behaviorism, 3, 49-86.

GUEDES, M. L. (1993). Equívocos da terapia comportamental. Temas em psicologia, 2, 81-85.

KOHLBERG & TSAI, (1991). Functional analytic psychotherapy: Creating intense and curative therapeutic relationships. New York: Plenum.

MEYER, S. B. (2004). Processos comportamentais na psicoterapia. In: A. C. Cruvinel, A. L. F. Dias, E. N. de Cillo (Orgs.), Ciência do comportamento: Conhecer e avançar (Vol. 4). Santo André: ESETec.

MATTHEWS, B. A., Catania, A. C. & Shimoff, E. (1985).

Effects of uninstructed verbal behavior on nonverbal responding: Contingence descriptions versus performance descriptions. Journal of Experimental Analysis of Behavior, 43 (2), 155-164.

MICHELETTO N. e SÉRIO T. M. P. (1993). Homem: Objeto ou sujeito para Skinner?, Temas em Psicologia, 2, 11-40.

SIDMAN, M. (1995). Coerção e suas implicações. (Trads: Maria Amália Andery e Tereza Maria Sérgio,) São Paulo: Psy II.

SKINNER, B. F.; SOLOMON, H.C.; LINDSLEY, O. R. (1953). Studies in behavior therapy, Metropolitan State Hospital, Waltham, Massachusetts, Status Report I, 30th November.

SKINNER, B. F. (1974). About behaviorism. New York: Knopf.

SKINNER, B. F. (2007). Seleção por conseqüências. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. IX (1), 129-137.

STURMEY, P. (1996). Functional analysis in clinical psychology. Chichester: John Wiley & sons.

ZAMIGNANI, D. R. (2007). O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

ZAMIGNANI, D. R. e Jonas, A. L. (2007). Variando para aprender e aprendendo a variar: variabilidade comportamental e modelagem na clínica. Em: D. R. Zamignani, R. Kovac e J. S. Vermes (org.). A Clínica de Portas Abertas: Experiência e Fundamentação do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório. São Paulo: Paradigma/ESETec.

ZAMIGNANI, D. R. KOVAC, R. & VERMES J. S. (2007). A clínica de portas abertas: Experiências e fundamentação do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório. São Paulo: Paradigma/ESETec.

curso
**TÓPICOS AVANÇADOS
EM CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

coordenação
ROBERTO A. BANACO

objetivos

O curso oferece subsídios para que terapeutas experientes possam reciclar seus conhecimentos e apropriar-se de ferramentas para a produção de conhecimento a partir de sua prática clínica. Visa a um aprofundamento teórico sobre temas tradicionais em análise do comportamento, sempre com uma meta de aplicação a casos clínicos.

Com esse propósito, pretende-se, em encontros periódicos, assegurar que terapeutas possam atualizar-se e tomar contato com novas ferramentas, utilizando sua própria experiência e prática clínica.

datas

um sábado por mês

[data é informada mensalmente no site]

horário

das 9h às 12h

[discussão teórica]

das 14h às 17h

[discussão/análise de casos clínicos trazidos pelos próprios participantes do curso]

informações

www.nucleoparadigma.com.br

www.psicolog.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Paradigma entrevista

Roberto Alves Banaco entrevista Sílvio Paulo Botomé e Olga Mitsue Kubo

Paradigma entrevista conversou com Sílvio Paulo Botomé e Olga Mitsue Kubo que há mais de 30 anos têm pesquisado e refletido sobre o sistema educacional de maneira geral, e mais especificamente, da formação em psicologia no Brasil. Ambos atuam intensamente em âmbitos científicos e profissionais.

São autores de várias publicações que discutem o papel da Universidade e a formação do psicólogo, entre eles o capítulo “A transformação do conhecimento em comportamentos profissionais na formação do psicólogo: as possibilidades das diretrizes curriculares” (2003), na coleção Sobre Comportamento e Cognição e os livros “Desenvolvimento Social, Extensão Universitária: vínculos importantes e rupturas desnecessárias” (2003) e “Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária (1996).

Roberto [R] Sílvio, faça suas avaliações a respeito do sistema educacional superior, especificamente falando da psicologia e da análise do comportamento nesse sistema.

SÍLVIO [S] No Brasil, nós não temos um sistema universitário; temos um amontoado de unidades de ensino superior de portes variados e com papéis também diversificados. Nem sempre definidos de maneira apropriada e nem sempre realizados de forma completa. Não há uma organicidade de relacionamento e nem uma gestão sistêmica dos cursos existentes. A própria gestão do sistema de Ciência e Tecnologia está à parte

do sistema de ensino superior. Há um Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e um Ministério da Educação (MEC), apartados. Isso cria uma ruptura porque as idéias e o trabalho de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior poderiam ser constituídos com uma base comum. No ensino superior está em jogo não só o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, mas também o uso do conhecimento e da tecnologia existentes, principalmente pelas novas gerações, para intervir, de maneira abrangente, em problemas complexos da sociedade. A Psicologia também sofre influências dessa dicotomia: nós somos gerenciados pelo MCT no que diz respeito à pesquisa e pelo MEC, no que diz respeito à educação. A CAPES trata a pós-graduação como se fosse uma unidade departamental a produzir pesquisa, misturando a capacitação de novos pesquisadores com o trabalho de pesquisa dos pesquisadores que ensinam na pós-graduação. Internamente, nas unidades organizacionais, gerencia-se ensino, pesquisa e extensão como atividades, como se elas fossem fins em si mesmas, quando elas são apenas modalidades de atividades separadas. Para tornar o conhecimento acessível à população, ele precisa existir, ser produzido (por meio de pesquisa), ser processado e transformado em novos comportamentos (por meio do ensino). Na extensão universitária há algo parecido com isso. Não tem sentido a universidade definir a extensão como prestação de serviço, já que a prestação de serviço

da universidade é o desenvolvimento de pessoas, enquanto que a “prestação de serviço” deveria inclusive ser objeto de produção de conhecimento, de investigação, de estudo. Portanto, não temos claros quais são os papéis da universidade na sociedade e das múltiplas instâncias relacionadas a ela. Pesquisa, ensino e extensão são rotinas, não atividades, são instâncias de administração. Elas não devem ser separadas porque a produção de conhecimento exige um papel complementar, que é tornar esse conhecimento acessível, não só por meio de publicação. A extensão tem que administrar parte dos processos de acesso ao conhecimento, inclusive como transformação do conhecimento em condutas novas das pessoas. Na extensão, você pode acrescentar modalidades para tornar o conhecimento acessível, além daquelas já vinculadas à pesquisa e ao ensino formal: construir representações, fazer filmes, teatro, montar uma orquestra numa comunidade e fazer a o conhecimento produzido aparecer e ser utilizado pelas pessoas. Numa comunidade onde não há certos serviços, a universidade poderia ajudar a fazê-los surgir (isso é uma modalidade de “extensão”). Uma incubadora de empresas, na universidade, deveria ser uma condição de estágio, de aperfeiçoamento do aluno, porque já se sabe que, se ele é capaz de trabalhar mas não tem a infra-estrutura, uma “incubadora de empreendimentos” pode ser o último estágio de aprendizagem dentro da universidade para ajudá-lo a criar condições estruturais para fazer aquele trabalho que aprendeu. A pesquisa, hoje, deveria estar alocada na área de conhecimento do departamento e não conjuntamente com o trabalho nos cursos de graduação que se delimita por um campo profissional, não por uma área de conhecimento. A pós-graduação deveria formar pessoas para campos profissionais específicos: a produção de ciência e de tecnologia e o ensino em nível complexo (superior). O próprio

departamento deveria ser constituído por núcleos de pesquisadores que dão aulas em diferentes campos de atuação para tornar o conhecimento da área em que pesquisam acessível a todos os campos de atuação profissional.

As condições estruturais de gestão e o sistema de conceitos que a universidade está utilizando não possibilitam a integração. Nas universidades confunde-se, facilmente, área do conhecimento com campo de atuação profissional e cria-se uma nomenclatura confusa. Os cursos são planejados em pedaços de áreas de conhecimento: as disciplinas. Os critérios de organização das grades curriculares são equivalentes aos critérios para organizar as estantes das bibliotecas! A sala de aula, o curso, é o lugar no qual se deve transformar o conhecimento existente nas várias áreas em condutas humanas para atuar como profissional em um campo de atuação definido na sociedade.

Ora, isso é o núcleo da noção de multidisciplinaridade. O currículo tem sido uma transposição simplista dos critérios de organização da biblioteca, o “almoxarifado do conhecimento”, para a oficina (a sala de aula) de transformação do conhecimento em condutas humanas e isso atrapalha o ensino, a pesquisa e a gestão desses processos. Os critérios do almoxarifado não servem para trabalhar na oficina e nós não sabemos lidar com isso: os currículos ficam “presos” (ou são os próprios) nos critérios do almoxarifado. Esta metáfora representa bem o problema que faz ainda não haver um sistema de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. O que nós entendemos por currículo é um conceito inadequado, pelo ainda insuficiente. Algumas universidades, quando entenderam isso, mudaram, inclusive, os nomes de suas disciplinas: a PUC do Paraná e a Universidade do Planalto

Catarinense (UNIPLAC) não têm mais disciplinas no currículo dos cursos de psicologia,

têm Programas de Aprendizagem (“PA s”) ou “Unidades de Aprendizagem”, fazendo diferença entre subáreas de conhecimento (disciplinas) e o que precisa acontecer (aprendizagem de algo que não se reduz à informação verbal) na sala de aula.

[R] Como esses programas se definem?

[S] Por conjuntos de competências (comportamentos com certo grau de perfeição) a serem desenvolvidas. E isso nem sempre é claro para os professores, porque é algo que ainda está sendo descoberto. Nos casos dessas experiências, o ponto de partida foi uma listagem de algumas tantas competências que definem cada unidade ou programa de aprendizagem.

[R] Então, em torno dessas competências listadas é que se vai formar um programa?

[S] Isso! O objetivo é a capacitação do aluno para apresentar essas competências, exigindo a integração de vários assuntos e sua transformação em comportamentos concretos para o exercício de um trabalho na sociedade. Nem sempre as aprendizagens se esgotam no âmbito de um programa de aprendizagem, porque outro PA tem que complementar; mas aí está a engenharia de construção. Só que, agora, de outra concepção (sistêmica) de cada curso superior. Eu comecei falando do sistema universitário, porque ele próprio precisaria de um “balanço conceitual” e de um “re-ordenamento conceitual” que possibilitasse uma efetiva integração entre tudo isso. Funcionalmente e não apenas burocrática ou politicamente, no sentido de blocos de poder, de grupos, de pessoas... Isso já acontecia nos tempos da cátedra. A cátedra era um lócus de poder. Tinha um cateдрático, “dono” de umas tantas disciplinas, seus adjuntos, os assistentes dos adjuntos e os auxiliares dos assistentes. A nomenclatura existe até hoje. O Departamento era algo para mudar isso, mas o que passou a existir foram cátedras oligár-

quicas, um grupo de pessoas que se “apossam” de poder (cargos), de informação em uma área do conhecimento. As áreas, inclusive a da Psicologia, não são de ninguém. O conhecimento não é propriedade de indivíduos ou grupos. Cada um pode estar realizando o trabalho em uma unidade de ensino, pode estar fazendo pesquisa com essa parte do conhecimento. Mas não há razão para outros não poderem fazer pesquisa com esses fenômenos da mesma área, além das condições que facilitam ser agrupadas para servir a várias pessoas que trabalham em uma área do conhecimento. De certa forma parece haver algo que seria importante agora: fazer um balanço e um re-ordenamento conceitual daquilo que constitui ou define a universidade em todas suas instâncias de organização e de trabalho: a estrutura e as atividades, as funções de todas as instâncias, ou seja, departamentos, tipos de cursos variados que têm outras modalidades de atuação específicas da Universidade. As próprias diferenças entre cursos de especialização, de atualização, de graduação, de aperfeiçoamento, de mestrado, doutorado e assim por diante, não são claras. Na Pós-graduação, por exemplo, é usada uma terminologia que foi útil em seu começo: *latu-sensu* e *stricto-sensu*. Hoje, essa terminologia é inadequada porque se refere apenas à localização temporal desse curso: depois da graduação. O mestrado tem que formar mestres que sejam capazes de transformar conhecimento científico relevante e atual em condutas humanas complexas e significativas para o aperfeiçoamento da sociedade. Para isso precisam ser capazes de fazer pesquisas básicas, simples, mínimas, com certa profissionalidade. Quando se trata de capacitar um doutor, tem que haver a capacitação de um cientista profissional. Ambos, mestres e doutores precisam ser capazes de transformar conhecimento sofisticado de alto nível, de vanguarda, em condutas novas dos estudantes. Isso implica em um gradiente de de-

envolvimento e não apenas num nome que fala da localização temporal: depois da graduação, ou (a)pós (a) -graduação.

Mestrado, doutorado e especialização não podem ser reduzidos a sinônimos de “depois da graduação”: cada um deles têm papel próprio e específico no processo de capacitação de pessoas em nível superior. Há a necessidade de redefinir e lidar melhor, inclusive, com a parafernália midiática e propagandista, oportunista, de nomear cursos de especialização por “pós-graduação”. Essa mistura pode ser adequada para fazer mais pessoas serem enganadas ao comprarem cursos de especialização, como se estivessem fazendo uma coisa “mais importante” como são considerados os mestrados e doutorados. Mestrados e doutorados nem são mais importantes que a especialização, eles são diferentes, têm papéis diferentes na capacitação de pessoas na sociedade. Os cursos transformam, inclusive, a pós-graduação em um “lugar natural” dos cientistas da universidade fazerem pesquisas. Tanto que algumas universidades querem abrir programas de pós-graduação para “poderem fazer pesquisa”, quando elas deveriam abrir esses programas porque estão fazendo muita pesquisa e, por isso, têm condições para começar a capacitar novas gerações para serem pesquisadores avançados (cientistas). A pós-graduação virou o que o departamento deveria ser de acordo com as propostas do movimento docente no começo da década de 1960. Nós, porém, anulamos duas partes da pós-graduação e mantemos morto o departamento na sua função fundamental: a de administrar o trabalho de núcleos de pesquisa que “alimentariam” diferentes cursos com os professores-pesquisadores que mais entendem do conhecimento das áreas (de conhecimento) importantes para a capacitação dos profissionais que esses cursos devem preparar para diferentes campos de atuação profissional..

[R] O próprio conceito de universidade, então, devia ser revisto por ter sido deturpado no decorrer desses anos todos?

[S] A universidade reduziu-se muito a uma grande escola, pretensiosamente, ou presunçosamente, “de nível superior”. A universidade brasileira deveria ser a base, a organização das bases de produção de conhecimento científico e tecnológico (além do filosófico), de acesso a esse conhecimento, do ensino em nível superior, e não apenas uma “escola” ou uma “unidade escolar”. Mesmo que faça pesquisa, dá a impressão que esta é apenas complementar, muitas vezes confundida com condição ou meio de ensino. A concepção que precisamos é outra e não temos nem nomenclatura para ela. Nós ainda não sabemos falar disso tudo de maneira apropriada ao desenvolvimento do conhecimento. Muitos dos estatutos e regimentos da universidade foram ou são copiados uns dos outros e definem a universidade pelas atividades: pesquisa, ensino e extensão, não pela função de produzir conhecimento e torná-lo acessível, por meio da sua transformação em condutas humanas de valor para a sociedade (seja no âmbito técnico, social, científico, ético, político e outros).

E agora respondo à sua pergunta: o ensino de Psicologia acontece nesse sistema e não fica incólume, sofre a influências fortes desse meio que aí está principalmente porque muito do que constitui a história da Universidade é desconhecido pela maioria dos universitários. A burocracia pode tomar conta dos cursos, porque na falta de visibilidade funcional, as pessoas se baseiam em estruturas e regras para dar segurança a respeito de algo que está mal ou insuficientemente definido. Isto não possibilita ter visibilidade, clareza para orientar atuações mais sofisticadas do que administrar rotinas, reduzindo a gestão da universidade a um trabalho de despachante e anulando uma

liderança sistêmica que a instituição precisa ter para construir o conhecimento, a tecnologia e as aprendizagens de nível superior que o país necessita para seu desenvolvimento social.

[R] O que vocês acham do profissional da psicologia que tem sido formado pela universidade?

[S] Além de ter acompanhando egressos de cursos de psicologia por observação e por encontrá-los nos cursos de mestrado, de doutorado, de reciclagem, de especialização para complementar a formação, tenho tido a oportunidade de acompanhar alguns estudos que verificaram o que acontecia com os egressos de vários cursos: enfermagem, matemática, engenharia, psicologia, etc. Impressiona como replicam os dados da Ana Almeida Carvalho em uma pesquisa sobre estudantes de São Paulo após a década de 1970: os alunos de psicologia, anos depois de formados, estavam com “crise de identidade”, o nome que Ana Almeida usou na época para a situação desses egressos. Eles não “se viam” mais como psicólogos e, ao examinar isso, Ana encontrou que todos reconheciam e sabiam falar sobre instrumentos, técnicas, problemas e teorias psicológicos. Mas tinham dificuldade para identificar ou não conseguiam dizer com clareza, precisão e segurança o que era um fenômeno psicológico. Obviamente, se eles se definem pelas técnicas e pelas teorias etc., cada vez que mudarem de técnica, de teoria ou se pararem de trabalhar com o que foi considerado como “problema psicológico” durante sua formação, haverá dificuldade em estabelecer uma “identidade profissional” como psicólogo.

Olga [0] Provavelmente eles estavam falando de problemas conhecidos, ou pelo menos sobre o que as pessoas demandavam como serviço do psicólogo.

[S] E mesmo que fosse diferente, que abordassem problemas novos ou desconhecidos ainda, permaneceriam na parte problemática dos fenô-

menos psicológicos, quando ele é complicado, quando é anomalia, incômodo, etc. Mas não é adequado trabalhar apenas com a concepção de remediação, senão só será feito um trabalho remediativo ou curativo, atendendo a sofrimento já existente, depois de muita destruição. Toda possibilidade de trabalhar em organizações na sociedade, com prevenção, manutenção de fenômenos psicológicos de qualidade, promoção de novos fenômenos psicológicos, aperfeiçoamento dos fenômenos psicológicos, fica como? Se alguém não conhece os fenômenos psicológicos, ou só conhece as técnicas, os instrumentos e procedimentos de trabalho, ou as teorias, os conceitos etc., o campo de atuação profissional dos psicólogos fica muito reduzido.

[R] Você acha que essa falta de clareza do que seria o fenômeno psicológico está ligada à multiplicidade de correntes que a psicologia tem?

[S] Pelo menos em parte, sim. Muitos dos que trabalham em cada “corrente” querem reduzir o fenômeno psicológico à sua teoria de preferência ou ao que conhece. E esse é outro problema complicado: costuma-se falar em uma teoria, uma escola, uma abordagem, uma perspectiva no conhecimento. Mas, é melhor considerá-las como simplesmente contribuições específicas datadas no tempo, localizadas no espaço (inclusive com suas contingências sociais, políticas, econômicas como contingências que as determinam...) e, às vezes, numa pessoa, ou em um grupo de pessoas. Essas contribuições não são incompatíveis entre si tão absolutamente como se costuma considerar, imaginar ou temer. Nem são inimigas umas das outras. É possível integrar conhecimentos diferentes, enxergando de que aspectos ou dimensões de fenômenos psicológicos cada “contribuição” está falando. Por exemplo, o Piaget ou sua teoria, se costuma dizer, é cognitivista ou mentalista. Mas Piaget mapeou relações que as pessoas estabeleciam com certas

características dos fenômenos, e como isso evoluía quando uma criança de certa faixa etária que tinha um repertório desenvolvido a cada ponto de uma espiral de relações que estabelecia com o mundo. Observava como a criança reagia ao mundo, conforme ele manejava esse mundo. O fato de usar a mente como conceito “explicativo” ou “reunidor” das aprendizagens é secundário e circunstancial que não precisa ser utilizado para entender e utilizar as contribuições de Piaget. Essas relações com o mundo são as mesmas que Freud estudou em pessoas já problemáticas, já sofrendo, porque as relações que ela estabeleceu na infância não se desenvolveram mais ou de melhor forma. As contribuições de Freud e de Piaget não são incompatíveis entre si e nem com as outras. Já a análise do comportamento aumentou o potencial de enxergar as relações do homem com o mundo, em escala muito grande, talvez nunca antes vista na história da Psicologia. O conceito de comportamento operante e o de contingência de reforçamento confirmam muito das descobertas de Piaget e Freud, mas as examinam com mais recursos do que aqueles autores tinham na época e nas condições em que trabalharam. Temos que abandonar as dicotomias de saúde-doença, ignorância-conhecimento, bondade-maldade ou normalidade-patologia para entender melhor o gradiente de complexidade das relações do homem com o mundo. E, dessa forma, verificar que quanto mais abrangentes e mais complexas são essas relações no tempo e no espaço, mais “maturidade” (poderia ser dito assim) têm essas relações.

[R] É assim que você está definindo o fenômeno psicológico?

[S] As relações entre o que os organismos fazem e o ambiente em que o fazem é o que seria, para mim, o fenômeno psicológico. Pavlov descobriu uma relação com o mundo: quando acontece alguma coisa e você reage, esta reação pode ser

construída artificialmente por associação com outros aspectos presentes no meio. A mídia, até hoje, usa essa descoberta de Pavlov numa escala muito grande. E ficaremos olhando para isso como se não fosse psicológico, fosse apenas midiático, propaganda, marketing? Não; nisso tudo há um fenômeno psicológico importante. Quando alguém pune fortemente uma criança por fazer alguma coisa, criou uma consequência aversiva quando a criança interagiu com o mundo de determinada forma. Há uma reação emocional a isso e o psicológico não está apenas nas reações emocionais. Sartre, por exemplo, trouxe contribuições importantes, insistindo em aspectos como: “se não entendermos as emoções como forma de relacionamento com o mundo, simplesmente não as entenderemos”. Considerando, por exemplo, Pavlov, Freud, Piaget, Análise do Comportamento e existencialismo pode-se duvidar que sejam absolutamente incompatíveis, irreconciliáveis ou opostos. São tipos de contribuição influenciados por aquele mundo em que esses autores viveram. Esses autores todos estabeleceram relações com esse mundo também. Relações de conhecimento, de descoberta, de visibilidade. Eles produziram um discurso sobre o mundo com o qual se relacionaram e sobre suas próprias maneiras de relacionar-se com ele (seus métodos de trabalho). Fixar cada uma dessas contribuições como teoria, escola, abordagem, perspectiva e colocá-las em competição, é retrocesso, é barbárie em relação ao conhecimento, tanto no âmbito da Universidade quanto da Psicologia.

[O] Devem-se identificar essas nuances... As pessoas vêem diferenças que são limitadoras, que são marcantes, fixas. Não valorizam ou procuram as possibilidades de integração. E isso faz parecer que se está falando de outra coisa. Aquilo que a análise do comportamento e a psicanálise dizem ser o fenômeno psicológico não

é a mesma coisa. Nós chamamos de comportamento o fenômeno psicológico, e os psicanalistas provavelmente fariam de inconsciente, ou desejo, outros fariam de alma, de sentimentos, ou pensamento... Outros fariam de várias outras coisas... Mente, por exemplo. As pessoas precisam estar preparadas ou capacitadas para identificar as várias dimensões que estão envolvidas na possibilidade de uma comparação entre uma contribuição e outra e aprender a ler além dos conceitos, identificar os fatos, processos, fenômenos ou “ficções” a que eles se referem..

Há uma diferença assim: o fenômeno é o homem na relação com o mundo, todos estudam, no final das contas, essas relações, o comportamento ou uma parte do comportamento. Alguns chamam comportamento de fenômeno psicológico, outros dizem que este é só uma maneira de estudar o fenômeno, que “psicológico” é outra coisa. Às vezes, o consideram apenas um “sintoma” de outra coisa. Usam-se terminologias distintas para se referir aos mesmos processos. Pode-se identificar com clareza, na terminologia, a qual processo ou a que parte do fenômeno psicológico alguém está se referindo. Claro que há também as características de cada pressuposto: o que as pessoas entendem ou se orientam para tomar decisões, ou seja, de qual distância se vai olhar, de qual enfoque, com quais recursos ou conceitos e qual a terminologia que vai ser usada. Todo esse conjunto pode orientar as pessoas nas decisões e na avaliação do que é possível integrar, orientando as pessoas em suas decisões de conhecimento e atuação...

[R] Essa é uma visão triste sobre a dificuldade de definição do campo de atuação de uma profissão, que é loteado em mini-campos onde as pessoas se alojam, e ali elas se definissem e se defendessem por meio dos instrumentos...

[S] ... Pelos instrumentos, pelos conceitos e não pelos problemas da população, nem pelos aspectos

da realidade, ou pelas possibilidades de atuação... Uns poucos anos antes da década de 1960, no mundo havia o conceito de *praxis* que trazia uma espécie de orientação para o mundo, de uma perspectiva da dinâmica da interação entre a atuação humana e esse mundo. Ele orientava: atue no mundo, veja o que acontece, avalie, faça uma reflexão crítica sobre isso, reorienta sua ação, volte a agir, reavalie os resultados de novo e repita esse ciclo permanentemente.

Este conceito era um grande orientador para as relações humanas. Com o golpe militar, no Brasil, esse critério passou a se diluir progressivamente, e apareceu outro que virou moda, e sutilmente foi naturalizado: o da ocupação de espaço. Este dizia: preciso preservar, defender, aumentar, ganhar meu espaço... O espaço ganhou um sentido metafórico, e aí se começou a ver tudo como posse, poder, e não como dinâmica de relacionamento. Isso valeu para o conhecimento, passou a acontecer nas relações sociais, nos papéis. Esse “novo conceito” era, no passado, o critério da cátedra também. Essa confusão conceitual detonou, inclusive, a possibilidade de articular informações, de compor alguma coisa em comum como é o caso da formação ou capacitação profissional e social de jovens. Em função disso, disputa-se, inclusive, preferência ou opção do aluno, como posse também. O aluno tem que escolher aquilo que é do meu campo, por que daí ele é meu, ele me dá força, status, é minha propriedade, é meu discípulo, meu orientando, da minha pesquisa... Com isso vem a ilusão de que o “espaço pessoal” vai ficar mais forte, mais protegido, mais amplo, mais garantido. Não se enxerga mais a dinâmica das relações, não se fala dela, não se tem mais recurso para discuti-la. Isso é tão forte na sociedade, na universidade de maneira particular, que até hoje há, claramente, a idéia de gestão, de cargos, como posse da informação, do patrimônio, do

dinheiro, do direito de decidir pelos outros ou de “mandar” e exigir das pessoas que trabalham naquele setor, do qual alguém é algum tipo de gerente ou “superior”. É como se a informação fosse propriedade para se manipular de acordo com os interesses de quem dirige e não de quem concedeu o mandato de dirigente. Essas condições e informações são do povo, do país, são públicas, coletivas, e não posse de alguém que, eventualmente, ocupe um cargo de dirigente. Na psicologia, o objeto de estudo é um organismo como um todo, em interação com o mundo por meio das suas ações, e aí sim, ações que podem ser inclusive pensar, sentir, emocionar-se, etc. Ao pensar nisso como coisas, ao invés de se olhar em termos de processos, enxergamos substantivos, entidades, pensamento, mente, sentimento e não os processos de sentir, pensar etc. Isso reduz a visibilidade.

O que está acontecendo destrói a psicologia. Olhando para sua questão de novo, é preferível mudar a maneira de chamar essas coisas todas que foram feitas, produzidas, registradas, sistematizadas, com grande quantidade de pessoas, com discípulos às vezes, com sistemas de informação mais ou menos estruturados. Ao invés de chamá-las de teorias, escolas, abordagens etc., pode ser melhor chamá-las de “contribuições”. Parece-me ser menos comprometedor e, dessa forma, todas têm valor, até que seja provado o contrário, e se provar que não têm, é porque há outra que melhorou um pouco aquilo. E, no final das contas, é esse o papel da Ciência e da Filosofia: avaliar continuamente o conhecimento existente, produzido por tantos... ■

Leia a entrevista na íntegra no site:
www.nucleoparadigma.com.br

A Clínica de Portas Abertas



A CLÍNICA DE PORTAS ABERTAS

ORGANIZAÇÃO

Denis Zamignani, Roberta Kovac e Joana Singer Vermes

é um material de reflexão e apoio para a prática do acompanhamento terapêutico e do atendimento clínico em ambiente extraconsultório, embasados na abordagem analítico-comportamental. Convida o leitor para a descoberta das inúmeras possibilidades de atuação do clínico quando os limites da terapia verbal tradicional são rompidos.



paradiçma
NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

O livro pode ser obtido diretamente no Núcleo Paradigma. Para adquirir o seu exemplar, escreva para contato@nucleoparadigma.com.br.

 **paradiçma**
NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
Rua Vanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Na estante

Resenha do livro:

“A abordagem behaviorista do comportamento novo”
de BANDINI, C. S. M & de Rose, J.C.C (2006)

Yara Nico



A elaboração de explicações sobre o aparecimento de comportamentos novos, originais, pode parecer um desafio insuperável pela abordagem behaviorista radical. Como uma abordagem que descreve e explica o comportamento a partir de processos de condicionamento pode dar conta do surgimento de comportamentos novos? É possível pensar que se o comportamento é novo, por definição, nunca antes emitido, não pode ser descrito como produto de condicionamento. Assim, de onde viria, segundo a abordagem behaviorista radical, o comportamento novo? Essa abordagem da psicologia pode explicar a originalidade?

O livro “A abordagem behaviorista do comportamento novo” de Carmen Silvia Motta Bandini e Julio César Coelho de Rose, publi-

cado pela ESETec, em 2006 tem o mérito de enfrentar essa instigante temática a partir de análises das explicações skinnerianas para o surgimento de comportamento novo, especialmente de comportamento verbal novo. O material apresentado não deixa dúvidas sobre a possibilidade de uma teoria comportamental explicar a propriedade gerativa do comportamento, a produção da novidade.

Produto da dissertação de mestrado apresentada por Carmen Silvia, sob orientação de Julio de Rose, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade de São Carlos, a obra é o resultado de um árduo trabalho de seleção, organização e sistematização das considerações de Skinner sobre essa questão, ao longo de *Verbal Behavior*.

Embora esta seja umas das mais importantes obras de Skinner, ainda é pouco conhecida e compreendida entre nós. Dessa forma, o livro de Carmen e Julio tem o valor de tornar acessíveis as análises do autor sobre a questão dos processos envolvidos na produção de comportamento verbal original. Ao oferecer-nos um texto primoroso por sua precisão conceitual, os autores garantem o rigor das análises sem com isso produzir um material hermético, exclusivo para iniciados no tema.

Considerando que a leitura de *Verbal Behavior* exige fôlego e preparo conceitual, as análises ali presentes têm sido raramente apre-

ciadas por alunos ou mesmo analistas do comportamento já atuantes. A clareza das idéias, a seleção criteriosa de informações que estão espalhadas ao longo dessa obra de Skinner e, principalmente, o modo como estas foram organizadas por Carmen e Julio para apresentar o material, o tornam um excelente material didático e leitura obrigatória para estudiosos do comportamento.

Na primeira parte do livro (“Uma introdução à noção de comportamento verbal e à proposta de análise behaviorista radical”), os autores apresentam considerações básicas para o entendimento da proposta de Skinner de análise do comportamento verbal. O capítulo sobre os diferentes tipos de operantes verbais constitui um ótimo material a ser utilizado no ensino, especialmente para alunos iniciantes no tema.

A segunda parte do livro (“O surgimento de comportamentos verbais novos”) discute mais diretamente o entendimento de Skinner sobre o aparecimento de comportamento novo, relacionando essa questão com o modelo causal de seleção por conseqüências, a definição de comportamento operante e a noção de variabilidade comportamental. Destaca-se dessa parte do livro a apresentação dos processos envolvidos no surgimento de comportamento verbal novo, a saber: o processo de generalização e as extensões de mandos e tatos; a recombinação na formação de novas respostas verbais; a função dos processos autoclíticos na produção de novas respostas verbais; o papel da auto-edição do comportamento verbal no surgimento de novas respostas; a diferenciação por aproximação sucessiva na aprendizagem de novas respostas. Saber dos vários processos que podem ser responsáveis pelo aparecimento de novas combinações e rearranjos na produção verbal de um falante é de fundamental importância para a análise e compreensão de complexos comportamentos humanos.

A terceira parte do livro é dedicada à apresentação dos “procedimentos envolvidos no surgimento de comportamentos verbais novos” e se encontra organizada em duas partes: técnicas de autofortalecimento do comportamento verbal e a produção de novas respostas verbais não disponíveis no repertório do falante.

Certamente, essa parte do livro é de extrema importância, não apenas para aqueles que desenvolvem estudos teóricos e/ou empíricos sobre comportamento verbal, mas também para todos os analistas do comportamento dedicados ao trabalho de aplicação e desenvolvimento de intervenção nos mais variados campos. Após a leitura das análises apresentadas nessa parte, fica claro que conhecer os procedimentos para gerar comportamento novo não-verbal não é suficiente quando a questão é intervir sobre problemas vividos por seres verbais.

Planejar e propiciar a variabilidade verbal requer, assim, um conhecimento mais específico e complexo. Tal desafio encontra-se presente, de alguma forma e em algum grau, em toda intervenção que não se pretenda simplista.

Na última parte do livro, o leitor ainda pode usufruir comentários adicionais, mas não menos inquietantes, sobre “a ciência e a literatura como exemplos dos processos e procedimentos apresentados”.

Carmen e Julio nos proporcionam a leitura de um material a um só tempo rigoroso e acessível, analítico e capaz de unificar os conhecimentos sobre processos e procedimentos relacionados à criatividade verbal. ■

Bandini, C. S. M & de Rose, J.C.C (2006). “A abordagem behaviorista do comportamento novo”. ESETec: Santo André.

Yara Nico é mestre pelo PEXP: Anal. Cpto. – PUC-SP. É docente, supervisora clínica e coordenadora pedagógica do Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento. Endereço para contato: yaranico@gmail.com.

programas de aprimoramento do estudo

PRÓ-ESTUDO

coordenação

NICOLAU KUCKARTZ PERGHER

organização e planejamento de estudo

Muitas pessoas que se queixam de dificuldades relacionadas ao estudo têm como problema fundamental a falta de organização e de planejamento. Este programa, realizado na própria casa do cliente, tem como objetivo auxiliar na organização do material e do ambiente de estudo, e no estabelecimento de horários, metas e prioridades condizentes com suas necessidades.

duração

2 meses

desenvolvimento de comportamentos pró-estudo

Outro problema bastante comum é a falta de concentração e dificuldade na absorção e retenção do conteúdo estudado. Este programa, também realizado na casa do próprio cliente, tem o objetivo de auxiliá-lo a extrair informações relevantes de um texto e a reproduzir seu conteúdo adequadamente.

duração

2 meses

público-alvo

Estudantes, alunos de cursos preparatórios para concursos e de cursos pré-vestibulares

informações

www.nucleoparadigma.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Análise do comportamento e educação

O uso de testes na orientação profissional analítico-comportamental¹

Marcio Alleoni Marcos

Giovana Del Prette

Maria Amália Morais Pereira

Marina Mazer

Sueli Amaral

O *Programa de Orientação Profissional: Pesquisa e Aplicação* tem sido procurado por clientes que buscam respostas imediatas sobre a escolha profissional, por meio da aplicação de um teste. Diante disso, o objetivo deste artigo é discutir brevemente os limites e possibilidades do uso destes em um processo de intervenção terapêutica em Orientação Profissional (OP) a partir do enfoque analítico-comportamental. O Conselho Federal de Psicologia trata do assunto na resolução n.º 002/2003:

[...] os testes psicológicos são procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção-afeto, cognição-inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção.

Um ponto importante da definição proposta pelo Conselho é a base filosófica subjacente,

“Emoção”, “cognição”, “motivação”, “personalidade”, “psicomotricidade”, “atenção”, “percepção” e “memória” são termos que, quando utilizados para elucidar as causas dos comportamentos, fornecem uma explicação apenas aparente, incorrendo no risco de afastar a causa dos comportamentos dos eventos ambientais externos (antecedentes e consequentes).

que dá a entender que o resultado de um teste apontaria apenas a manifestação ou a expressão externa (via comportamentos) de processos internos (causas psicológicas). A Análise do Comportamento defende que todo organismo é uno, interagindo em sua totalidade com o ambiente. Como salientado por Micheletto e Sérgio (1993): “é a totalidade do organismo ou pessoa que está sendo alterada na interação com o ambiente” (p. 14). “Emoção”, “cognição”, “motivação”, “personalidade”, “psicomotricidade”, “atenção”, “percepção” e “memória” são termos que, quando utilizados para elucidar as causas dos comportamentos, fornecem uma explicação apenas aparente, incorrendo no risco de afastar a causa dos comportamen-

tos dos eventos ambientais externos (antecedentes e conseqüentes).

Skinner, em artigo de 1957, aponta que “muitas deficiências no campo da aprendizagem são (...) medidas indiretamente por meio de testes de inteligência, mas métodos que são muito mais apropriados para uma ciência de laboratório estão disponíveis” (p. 297), o que leva a outra implicação a respeito da definição do CFP: o que, de fato, o teste mede diretamente. Sob o referencial teórico da Análise do Comportamento, seria possível afirmar que o dado coletado por meio de um teste é o *comportamento verbal do cliente de responder ao teste*, e não o próprio comportamento sobre o qual o cliente está relatando. Sendo assim, o instrumento produz uma medida indireta do comportamento do indivíduo que se quer avaliar, e esta medida é obtida a partir do relato verbal, que é freqüentemente impreciso. Assim, o relato e o evento relatado são ocorrências diferentes, cada qual sob controle de suas próprias contingências. Não há, portanto, garantias da correspondência entre o resultado de um teste e a informação que ele pretende coletar.

A terceira decorrência da definição do CFP está no uso da expressão “procedimentos sistemáticos”. A sistematização dos testes ocorre por meio da construção de escalas normativas, cujo objetivo é informar como determinada amostra de população responde ao teste e, assim, garantir sua *validade externa*. Quando esse teste é aplicado, sua correção é uma comparação entre os resultados do cliente e os da amostra normativa, indicando se sua pontuação se situou dentro, acima ou abaixo da média (isto é, sua colocação quanto ao suposto “indivíduo médio”). Embora possa ser interessante uma comparação entre indivíduo e os parâmetros sociais, trata-se de uma avaliação que confronta o indivíduo com um constructo – um “indivíduo médio” – não

ênfatisando os resultados intra-sujeito nem relacionando suas respostas às variáveis ambientais que as controlam, o que muito interessaria ao analista do comportamento.

Sob este ponto de vista, a simples aplicação de um teste não é satisfatória para uma análise adequada da combinação entre cliente e profissão. Cada relação cliente-profissão pode ser desmembrada em múltiplos fatores, tais como: o objeto de estudo do profissional, o ambiente de trabalho, as relações sociais no trabalho, o tempo de dedicação, a flexibilidade ou não de horário, o mercado, o *status* profissional, o salário, entre outros. Cada cliente, por sua vez, responde de diferentes maneiras, sob controle de um número infinito de variáveis ambientais.

O trabalho do orientador profissional não deve ser reduzido à aplicação de testes psicológicos. De acordo com o instrumental e as bases teóricas da análise do comportamento, é muito mais interessante fazer com que o cliente realize uma análise de contingências, descubra autonomamente as informações necessárias sobre as profissões e, ao fim do processo, esteja mais apto a tomar sua decisão, ao invés de receber do orientador uma resposta pronta, tal como acontece com os testes. A afirmação de Skinner (1970) a respeito de terapia também pode ser aplicada à orientação profissional: “A terapia consiste, não em levar o paciente a descobrir a solução para seu problema, mas em mudá-la de tal modo que seja capaz de descobri-la” (p.216).

Apesar das críticas levantadas, os testes psicológicos podem, sim, ser utilizados em terapia ou em orientação profissional analítico-comportamental, desde que sejam tomados alguns cuidados. Elaboramos algumas sugestões para seu uso:

- (1) Muitos testes foram elaborados a partir de uma base teórica e filosófica diferente da análise do comportamento. Referenda-se o

uso desde que sua interpretação seja consistente com a proposta analítico-comportamental;

(2) Os testes podem acelerar etapas do processo, atendendo à demanda do adolescente que

precisa escolher uma profissão com alguma rapidez para prestar o vestibular. O uso de testes não deve ser indiscriminado, nem deve ser um “pacote padronizado” de intervenções. A escolha de quais testes e como utilizá-los deve ocorrer como subproduto da análise de contingências a respeito do cliente que está sendo atendido;

(3) O próprio comportamento de responder a um teste não deve ser ignorado pelo orientador. Segundo a Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), de Kohlenberg e Tsai (1991), a análise dos comportamentos que ocorrem durante a sessão terapêutica pode trazer informações relevantes para o atendimento;

(4) Por meio da aplicação e dos resultados de um teste, a díade orientador-cliente pode levantar variáveis importantes para o autoconhecimento, a solução de problemas e a tomada de decisão profissional.

O objetivo de um programa de OP, portanto, é o de facilitar a escolha autônoma de uma profissão, incompatível com a aplicação de um teste e a subsequente apresentação de um resultado final aparentemente inequívoco, que se apresenta como uma solução mágica ao cliente. O processo compreende a instalação ou refinamento do repertório do cliente de *tomada de decisão, solução de problemas e comportamento de escolha*, ao mesmo tempo em que se procura ampliar tanto o autoconhecimento do orientando como as informações que ele tem a respeito das profissões. Os testes podem fazer parte de um programa de OP, já que agilizam e ampliam a atuação do psi-

O objetivo de um programa de OP, portanto, é o de facilitar a escolha autônoma de uma profissão, incompatível com a aplicação de um teste e a subsequente apresentação de um resultado final aparentemente inequívoco, que se apresenta como uma solução mágica ao cliente.

cólogo ao auxiliarem no acesso a informações às quais o orientador teria pouco ou nenhum acesso. Defendemos, no entanto, que a orientação não seja baseada exclusivamente neles, e que o cliente não seja submetido a uma bateria impessoal e padronizada de instrumentos de avaliação, pois a escolha e uso dos mesmos deve se pautar na análise de contingências realizada durante o processo. ■

1 O presente artigo foi escrito pelos coordenadores do *Programa de Orientação Profissional: Pesquisa e Aplicação*, do Paradigma® Núcleo de Análise do Comportamento, todos especialistas em clínica analítico-comportamental pelo Núcleo Paradigma.

Contato: orientacaoprofissional@nucleoparadigma.com.br

Referências bibliográficas

Conselho Federal de Psicologia. resolução 002/2003. Disponível em: <<http://www.pol.org.br>>. acesso em: 13 de Março de 2008.

KOHLBERG, R. J., & Tsai, M. (1991). *Functional Analytic Psychotherapy: creating intense and curative therapeutic relationship*. New York: Plenum.

Micheletto, N.; Sérgio, T.M.A.P. (1993) Homem: objeto ou sujeito para Skinner? *Temas em Psicologia*, v. 2, p. 11-22.

SKINNER, B. F. (1957). Psychology in the understanding of mental disease. Em *Cumulative Record – Definitive Edition*, pp. 295-302. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation. Publicado originalmente em 1957.

SKINNER, B. F. (1970). *Ciência e comportamento humano*. Editora Universidade de Brasília. Publicado originalmente em 1953.

curso de aprimoramento

TERAPIA DE CASAL E DE FAMÍLIA



objetivos

O curso visa à formação em terapia de família ou de casal a partir da perspectiva analítico-comportamental.

duração

2 semestres

carga horária

40 horas de disciplinas teóricas
50 horas de supervisão
36 horas de atendimento

horários

sextas-feiras

8h às 10h30

supervisão

10h30 às 12h30

disciplina teórica

maiores informações

www.nucleoparadigma.com.br

 **paradigma**

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

professores

Dra. MALY DELITTI

Dr. ROBERTO ALVES BANACO

estratégia de formação

O curso é composto por uma disciplina de duas horas, uma supervisão de duas horas e meia, realizadas em 10 encontros semestrais e um atendimento clínico semanal de 90 minutos. Na semana em que houver a aula, o atendimento ocorrerá durante a supervisão, ora com o professor participando do atendimento, ora comentando com os observadores o atendimento que será assistido em tempo real.

Em semanas nas quais não ocorrerem aulas, o atendimento será realizado em co-terapia, pelo grupo de alunos.

alguns temas abordados

- Como lidar com um grupo terapêutico
- A comunicação em família (e seus possíveis problemas)
- Indicações para terapia de família, casal ou grupo
- Fundamentos da intervenção clínica sobre famílias
- Antes e durante a entrevista inicial
- Avaliação comportamental de problemas familiares
- Estabelecimento de objetivos terapêuticos em terapias
- Proposta de tratamento

História de vida

Margarida Windholz

O boletim Paradigma inaugura a seção “História de Vida”, e apresenta para a comunidade relatos sobre a vida de personalidades importantes na história da Análise do Comportamento no Brasil

É com orgulho e carinho que apresentamos, neste texto inaugural, um pouco da importante história de vida da Dra. Margarida Hofmann Windholz, conhecida por muitos como Maggi.

Nascida na Alemanha, filha de imigrantes judeus alemães, Maggi chegou ao Brasil aos nove anos, em 1936. Desde o princípio de suas atividades no país, Maggi envolveu-se com trabalhos comunitários e de relevância social (influenciada – como conta a própria Maggi¹ por sua família, que sempre valorizou a atividade comunitária). Sua primeira atividade profissional foi numa organização de assistência social (OFIDAS – Organização Feminina Israelita de São Paulo). Maggi conta que aprendeu muito nesse trabalho, inclusive fazendo visitas domiciliares, prática que continuou adotando em muitos de seus atendimentos posteriores, já como psicóloga.

Seu envolvimento com a ajuda e assistência social, iniciado ainda na adolescência, foi um fator bastante influente na sua decisão pelo ingresso no Curso de Psicologia, recém-regulamentado no Brasil, no ano de 1958. E foi a chegada de Fred S. Keller ao Brasil o que

a aproximou da Análise do Comportamento, abordagem teórica que abraçou, desde então, em sua trajetória acadêmica e profissional. Maggi foi aluna de Keller no curso de Psicologia Experimental.

Graduou-se como psicóloga em 1961, pela Universidade de São Paulo, onde também completou sua especialização e doutoramento (ambos os cursos em 1969). Nessa universidade, Maggi foi professora contratada até 1976, tendo sido “Observação do comportamento” e “Modificação de comportamento” as primeiras disciplinas que ministrou. Até o ano de 2000, Maggi continuou seu trabalho na USP como “professora participante”, orientando mestrandos e doutorados e fazendo pesquisas financiadas pela Fapesp e CNPq.

Há muitos anos, Maggi dedica-se ao estudo, pesquisa e aplicação do trabalho com crianças com problemas de desenvolvimento atípico, tendo sido co-fundadora e diretora de diversas instituições de cuidado a crianças com esses problemas, as primeiras na linha comportamental no Brasil. Pioneirismo inclusive é marca do seu trabalho, que em 1974 fez a primeira intervenção comportamental

com autistas, seguida de muitas outras. Hoje, alguns dos clientes atendidos por Maggi são adultos produtivos.

É fruto dessa experiência o importante livro sobre o assunto: *Passo a Passo, Seu Caminho – Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas*, publicado em 1988 pela Edicom. Seu conhecimento na área foi responsável pela formação de uma série de educadores, fonoaudiólogos e psicopedagogos que trabalham com crianças com necessidades especiais.

Curiosa e fundamentalmente muito estudiosa, Maggi também fez incursões em outras abordagens da psicologia. Seu doutorado foi sobre o teste Roschach, tendo publicado dois manuais sobre o tema aplicado a crianças. É importante notar que, entremeados a esses diferentes percursos pela psicologia, esteve o trabalho clínico que Maggi sempre valorizou, associado à atividade de pesquisa.

A importância da jornada profissional da Dra. Margarida Windholz incide especialmente no fato de se tratar de uma psicóloga que sabe unir ensino, pesquisa e diversas formas de atuação clínica e social. Sempre em seu trabalho, Maggi reuniu essas três vertentes, relacionadas a pessoas com problemas de desenvolvimento, ao estudo das relações mães-bebês e ao estudo de escalas de desenvolvimento.

Segundo a própria Maggi, são seus planos para o futuro: “continuar trabalhando; reeditar o livro ‘Passo a Passo’, com modificações na forma, algumas mudanças e acréscimos ligados à experiência posterior à sua publicação, e o aumento do capítulo sobre análise comportamental aplicada.”

Com quatro filhos, nove netos, um bisneto (“por enquanto”), Maggi diz que a família esteve e sempre estará acima de tudo nas suas escolhas. Para além de trabalhar e estudar, Maggi gosta de ler, ouvir música, cozinhar. Pratica esportes

(atualmente só natação e academia) e também gosta de ir a bons teatros e a concertos.

Recentemente, Maggi deixou São Paulo e foi morar em Israel. Sobre isso, conta que – desde a sua infância, Israel foi uma referência muito importante. “Aliás, em 1936, era para termos ido para a então Palestina, ao invés do Brasil”. Sua adolescência e juventude foram marcadas por atuação em movimentos juvenis sionistas, de organizações sionistas em São Paulo, assim como em trabalhos comunitários em geral. “Sempre pretendemos, em algum ponto de nossas vidas, fazer aliá², o que ficou posposto por “n” motivos até agora, quando então pudemos realizar este sonho”.

Maggi deixa no Brasil, não apenas a lembrança e o afeto dos amigos que aqui cativou, mas também um legado de conhecimento e um exemplo de ética, seriedade e compromisso social. ■

1 As informações desta *História de Vida* foram obtidas a partir das seguintes fontes: Depoimento de Margarida Windholz que compõe o trabalho de doutorado de Sandra Tereza Pérez de Moraes (1999); Informações obtidas com a Dra. Sonia Beatriz Meyer, amiga e colega de consultório, e informações diretamente obtidas com Margarida Windholz.

2 A volta para Israel, prática de judeus que vivem fora de Israel, ou seja, nas diásporas, e que em um dado momento decidem retornar.

Denis Roberto Zamignani
Roberta Kovac
Joana Singer Vermes

INTRODUÇÃO À TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL

coordenação

JOANA SINGER VERMES

O Curso oferece alguns subsídios da teoria em Análise do Comportamento e das estratégias derivadas dessa teoria para o trabalho do terapeuta infantil.

temas

- Caracterização da atividade do terapeuta infantil
- Organização de materiais/sala para terapia infantil
- Especificidades da relação terapêutica com crianças
- Uso de fantasia na terapia comportamental infantil
- Técnicas operantes aplicadas à terapia comportamental infantil
- O manejo de problemas na infância: transtorno obsessivo-compulsivo, déficit de atenção e hiperatividade, depressão, agressividade, transtorno de alimentação, transtornos invasivos de desenvolvimento, fobias específicas e timidez
- Problemas escolares e o programa pró-estudo
- Questões éticas e intervenção sobre a família

inscrições e informações

www.nucleoparadigma.com.br

tel. 11 3864 9732

Breve, em nosso site, a confirmação dos professores convidados.



paradigma

NUCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

grupo de estudos

OBM

[ORGANIZATIONAL BEHAVIOR MANAGEMENT]

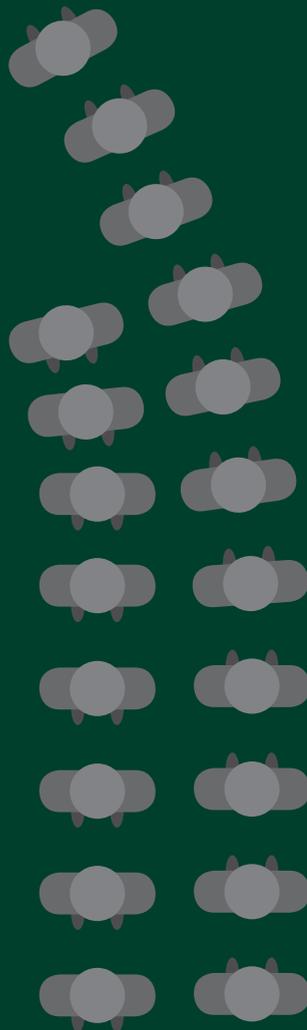
coordenação
LÍVIA G. AURELIANO

objetivos principais

- **Aprofundamento do conhecimento construído na área de OBM.**
- **Análise e reflexão sobre os alcances e limites desta proposta na realidade organizacional brasileira.**

material para estudo

- **Artigos do principal periódico focado para esta área de aplicação, o Journal of Organizational Behavior Management (JOBM);**
- **Produções brasileiras (artigos, dissertações e teses) referentes a esta temática;**
- **Periódicos nacionais voltados para a análise do ambiente organizacional brasileiro (HSM Management, Exame, etc).**



Os grupos ocorrem continuamente.
Inscrições em qualquer período do ano.

horário

Quinzenalmente, aos Sábados,
das 10h30 às 12h30 ou
Segundas-feiras, das 19h às 21h

local

Núcleo Paradigma

inscrições

www.nucleoparadigma.com.br
tel. 11 3864 9732



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Análise do comportamento e trabalho

Análise do Comportamento Aplicada às Organizações Organizational Behavior Management (OBM)

O que você acharia do seu trabalho se este fosse adaptado para que você gostasse dele?

Imagine que você trabalhe numa fábrica de manufatura em que seu trabalho é preparar vasos cerâmicos para empacotamento. Os vasos descem por um braço mecânico, ficando, em pé, em grupos de 10. Seu trabalho é deitá-los antes que eles sejam automaticamente embalados e colocados em caixas para envio. Os vasos vêm rapidamente e requerem alguma habilidade para a realização eficiente do trabalho. Sua produtividade não é nada especial, apenas o suficiente para mantê-lo afastado de problemas no trabalho. Embora a remuneração seja adequada, particularmente você não gosta do trabalho e geralmente reclama de aborrecimentos e falta de desafios. Seu desempenho é revisado em relatórios trimestrais. Se seu desempenho está abaixo do padrão, você é questionado sobre o que fará com relação ao seu baixo desempenho. Se este estiver acima da média, seu supervisor apenas lhe informa: É para isso que você é pago! Você quase não recebe feedbacks durante o seu horário de trabalho. Quando existe um problema, o chefe convoca uma reunião e explica sobre as necessidades de um desempenho melhor ou uma qualidade superior. Agora vamos considerar um trabalho num ambiente muito semelhante ao descrito acima em que, no entanto, a pessoa mal pode esperar para realizar o trabalho. Vamos chamá-lo de tarefa 2. Esses funcionários também devem colocar 10 objetos deitados por vez. A tarefa 2 é mais difícil do que o empacotamento de vasos, uma vez que os objetos ficam a 10 metros dos funcionários. Cada um utiliza uma ferramenta especial na realização desta tarefa. Cada um tem duas tentativas para colocar cada um dos objetos deitados, sendo que o braço automático remove quaisquer objetos remanescentes e recoloca uma nova remessa de 10 objetos no mesmo lugar. Mesmo com toda a pressão potencial de colocar todos os objetos deitados em somente duas tentativas, os funcionários não se sentem nada estressados. Pelo contrário, estes gostam muito do trabalho e passam, após algum tempo, a fazê-lo de maneira eficaz. Por que o trabalho número 2 é mais produtivo e prazeroso do que a tarefa número 1? (Daniels, 1984).

A resposta a esta pergunta pode ser muito simples: porque se trata de um jogo de boliche, e não de um trabalho. Será que esta resposta é o suficiente? Segundo Daniels (1984), não é a natureza do trabalho que define o quanto cada um gostará de realizá-lo, mas sim de algumas características que o acompanham.

É desta maneira que Daniels (1984) apresenta sua proposta de gerenciamento de pessoas no trabalho, chamada de *Performance Management* (PM). Trata-se de uma das principais áreas da *Organizational Behavior Management*, também conhecida como OBM. A PM é considerada por alguns autores, dentre eles, McGee (2007), como uma ferramenta de intervenção organizacional cujo enfoque principal é a análise das contingências vigentes no ambiente de trabalho que afetam diretamente cada um dos indivíduos envolvidos. Assim, os principais aspectos que constituem esta abordagem são a importância do uso de reforçamento positivo nas relações de trabalho, os esquemas de reforçamento, os antecedentes do desempenho, a análise ABC (Antecedentes – Behavior – Conseqüências) e a mensuração de comportamentos e resultados.

Voltando ao exemplo destacado acima, vamos analisar quais as principais características da tarefa 2 que a tornam tão prazerosa em detrimento à tarefa 1. Em um jogo de boliche, Daniels (1984) destaca a importância dos resultados imediatos a cada uma das ações dos participantes. Tais resultados, independentemente de se são positivos ou negativos, controlam diretamente o comportamento a seguir, além de possibilitar o acesso a outros reforçadores, muitas vezes, generalizados, como os elogios e “brincadeiras” que geralmente ocorrem durante um jogo de boliche. Desta maneira, o autor destaca a importância do reforçamento positivo e o uso de *feedbacks* imediatos à execução

da tarefa como os aspectos primordiais de uma atividade cuja sensação que a acompanha é o prazer de realizá-la.

Assim, Daniels (1984) propõe a análise ABC como uma forma de sistematização formal dos estímulos antecedentes e conseqüentes determinantes de um dado comportamento ou desempenho, a fim de compreender porquê as pessoas fazem o que fazem. O autor destaca que um dos passos principais para uma análise adequada é a definição correta de um ponto-chave, chamado de *pinpoint*. Esses pontos-chave são os alvos da intervenção, geralmente comportamentos, que são identificados como os definidores do problema em questão. Feito isto, o analista do comportamento deve identificar os antecedentes e conseqüentes de cada comportamento e caracterizar as conseqüências a partir de três critérios: se é positiva ou negativa (P/N), se é imediata ou futura (I/F), e quanto à sua probabilidade de ocorrência, certa ou incerta (C/U). Este procedimento também é conhecido como PIC e NIC. Vale destacar que esta categorização é feita a partir da perspectiva do indivíduo que apresenta o comportamento-alvo da intervenção. Para uma boa análise ABC, é necessário que se faça esta categorização tanto para o comportamento-problema assim como para o comportamento desejado. Desta forma, é possível identificar os motivos pelos quais um comportamento indesejado se mantém, geralmente porque apresenta conseqüências PIC, e os porquês dos comportamentos desejados não serem emitidos ou aparecerem com baixa frequência, geralmente sendo seguidos por conseqüências NIC.

Outro destaque dado por Daniels (1984) se refere à importância da especificação da tarefa a ser realizada por um indivíduo no trabalho. Assim, esta variável pode ser considerada como

um dos principais estímulos antecedentes determinantes pela emissão de um comportamento esperado ou indesejado. Crowell, Anderson, Abel e Sergio (1988) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar os efeitos de três procedimentos mais utilizados pela OBM na intervenção de problemas organizacionais: especificação da tarefa, *feedback* do desempenho e elogios sociais. Os autores concluíram que o procedimento mais eficiente para o aumento e melhora do desempenho de atendentes de bancos foi o uso de elogios sociais contingentes à execução da tarefa. No entanto, os resultados obtidos a partir do procedimento de especificação da tarefa como antecedente à execução apontam para um aumento significativo do desempenho a partir das medidas obtidas durante a fase de linha de base.

Por fim, a mensuração de comportamento e de seus resultados aparece como um dos diferenciais desta proposta frente às intervenções tradicionais no meio organizacional. Daniels (1984) afirma que só a partir de adequados métodos de mensuração, é possível identificar os efeitos de cada uma das intervenções aplicadas e, além disso, é possível promover alterações em procedimentos e até nos pontos-chave (*pinpoints*) identificados como sendo os principais alvos de intervenção.

Mas o objeto de estudo da OBM seria apenas o comportamento do indivíduo inserido num ambiente organizacional?

Glenn & Malott (2004) definem claramente qual é o objeto de estudo dos analistas do comportamento que atuam em organizações (os chamados OBMs):

(Os OBMs) devem expandir as atividades tradicionais de um analista do comportamento porque seu objeto de es-

tudo é o comportamento organizacional. Deixando claro que, “comportamento organizacional” significa ambos, o comportamento dos indivíduos na organização e o comportamento das organizações como entidades funcionais em si. O que deve ser gerenciado é a relação entre o comportamento dos indivíduos dentro da organização e o comportamento da organização como um todo. (p. 90)

Trabalhar com um objeto de estudo com tamanha complexidade tem muitas implicações práticas. Exige que o OBMer garanta que qualquer intervenção que faça no comportamento ou no ambiente tenha impacto direto ou indireto no produto ou serviço que a organização fornece a seus clientes finais (McGee, 2007). Para que isso ocorra, ele deve possuir formas para ordenar e analisar as interdependências que existem nos sistemas organizacionais e suas contingências entrelaçadas, além de ferramentas específicas para realizar suas intervenções. Com relação às ferramentas, McGee (2007) afirma que durante as intervenções, são necessários conhecimentos das duas grandes áreas da OBM: a de Gestão do Desempenho (Performance Management – PM) e a de Análise de Sistemas Comportamentais (Behavioral Systems Analysis – BSA). Na seguinte passagem McGee (2007) diferencia essas áreas:

Algumas vezes, a análise e as intervenções em busca de melhorias envolvem a identificação e manipulação de variáveis, diretamente associadas aos comportamentos-alvo; esse aspecto da OBM refere-se a gestão de desempenho [performance management]...Outras vezes, a análise e as subseqüentes intervenções envolvem níveis mais remotos da orga-

nização; esse aspecto da OBM refere-se a análise de sistemas comportamentais (BSA) [behavioral systems analysis]. As intervenções desse último tipo, geralmente, envolvem mudanças em processos, mudanças na alocação de recursos, planejamento estratégico, alinhamento, etc. (McGee, 2007).

Uma das ferramentas de BSA que tem sido muito bem aceita e aplicada pelos OBMers (por exemplo: McGee, 2007; Sasson, Alvero & Austin, 2006; Glenn & Malott, 2004) é o modelo sistêmico de Rummler & Brache (1995) que analisa o desempenho organizacional em três níveis integrados: organização, processos e trabalho/executor. Em linhas gerais, o nível organizacional se refere a aspectos da organização como um todo, ou seja, as intervenções incluem aquisição de novos recursos, adaptação às necessidades dos clientes e dos acionistas, adequação às leis governamentais e jurídicas, dentre outros. Já as intervenções em nível dos processos referem-se a como o trabalho é realizado e completado em uma organização. Isto envolve, segundo Sasson, Alvero e Austin (2006), como os produtos e serviços são delineados, desenvolvidos, produzidos, vendidos, entregues e acompanhados. Além disso, este nível descreve também quais ferramentas e materiais são utilizados. Por fim, o nível do trabalhador se refere àqueles que realmente executam o trabalho e todos os fatores que afetam o desempenho e o ambiente de trabalho. Na pesquisa realizada por Sasson et al. (2006), os autores investigaram quais das estratégias, no nível dos processos (tarefa executada via computador ou manualmente) ou do desempenho do executor (elogios utilizados como reforçadores dos comportamentos emitidos), produziram melhores resultados.

Os autores concluíram que apenas a estratégia que abrangeu estes dois níveis promoveu os melhores resultados.

Desta maneira, este artigo teve como objetivo apresentar brevemente as propostas que compõem a área da OBM e esclarecer algumas das práticas dos analistas do comportamento neste ambiente organizacional que, muitas vezes, é encarado como um campo de atuação ainda distante para grande parte dos analistas do comportamento. ■

Referências bibliográficas

- CROWELL, C. R., ANDERSON, D. C., ABEL, D. M., & SERGIO, J. P. (1988). Task clarification, performance feedback, and social praise: Procedures for improving the customer service of bank tellers. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 21, 65-71.
- DANIELS, A. (1984). *Performance Management*. Atlanta: Performance Management Publications.
- Glenn, S. e Malott, M. E. (2004). Complexity and Selection: Implications for organizational change. *Behavior and Social Issues*, 13, 89-106.
- MCGEE, H.M. (2007). An Introduction to Behavioral Systems Analysis for OBMers and non-OBMers Alike. *OBM Network News*, 21 (2).
- SASSON, J.R., ALVERO, A.M. e AUSTIN, J. (2006). Effects of Process and Human Performance Improvement Strategies. *Journal of Organizational Behavior Management*, 26(3), 43-78.

Este texto foi escrito por: Livia Aureliano, Gabriel Gonçalves Careli, Renata de Medeiros R. Penalva Reali, Fernanda Alvarenga Meirelles, Patrícia Gratão Gregui, Cristina Yuri Arima, Daniel Josiek Veiga, Ronivaldo de Souza Silva e Maria Izabel Costa, membros do grupo de OBM.

O Projeto **Cinema Paradigma** foi criado com o intuito de abrir as portas do **Núcleo Paradigma** para a comunidade, oferecendo um pouco dos conhecimentos da psicologia, especialmente da Análise do Comportamento, para a compreensão dos fenômenos do cotidiano. Ao mesmo tempo, representa uma atividade de responsabilidade social, que contribui mensalmente com donativos para entidades assistenciais da região.

O Cinema Paradigma utiliza filmes como meio de reflexão e interpretação de temáticas relevantes, sob a ótica da Teoria Analítico-Comportamental. A partir da apreciação de boas obras do cinema, profissionais de destaque na Análise do Comportamento contribuem com suas discussões sobre temas de nossa cultura e sociedade representados em tais produções.

As sessões ocorrem mensalmente, e a inscrição é um quilo de alimento não-perecível, ou uma lata de leite em pó. Como as vagas são limitadas, solicitamos que os interessados se inscrevam com antecedência no site do Núcleo Paradigma.

Confira as datas no site:
www.nucleoparadigma.com.br

cinema



paradigma



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Comportamento em cena

“Lucas: Um intruso no formigueiro”

Filme infantil aborda *bullying* e relações hostis na infância¹

Giovana Del Prette

Lucas: Um intruso no formigueiro é um filme americano, estreado em 2006, adaptado do livro infantil *The ant bully*, de John Nickle, que aborda o *bullying* e algumas maneiras de se lidar com ele. Em pesquisa da ABRAPIA (Nogueira, 2003), 40,5% dos alunos de diversas escolas do Rio de Janeiro já estiveram envolvidos em situações de *bullying*, definido como “atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo, para intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo) incapaz(es) de se defender” (Wikipédia, 2008). É um filme interessante para discutir o problema e também as alternativas a ele, tais como: fazer amizades, melhorar as relações familiares, desenvolver empatia, trabalhar em grupo e valorizar as diferenças.

Algumas vezes, o *bullying* pode ser o próprio problema relatado pelos pais e/ou pela criança, que os levam para a terapia infantil. Em outros, também ocorre da vítima de *bullying* não contar aos pais, mas estes podem observar mudanças como: recusa em ir à escola, isolamento, irritação e manifestações somáticas como dores de cabeça e de barriga sem causa física aparente.

O desconhecimento dos pais é exatamente o caso de Lucas, personagem central do filme. O filme mostra que a provocação frequente-

mente ocorre em grupo: quando o vizinho coloca apelidos e puxa a cueca de Lucas, está sempre acompanhado de mais crianças. Sua mãe, Doreen, não sabe dos fatos. Apenas vê que as cuecas do filho estão se estragando e que ele nunca está com outras crianças. Quando pergunta, o filho transparece vergonha e permite pouca abertura para o diálogo.

De fato, o tipo de comunicação e os modelos de comportamentos transmitidos pela família a Lucas não estimulam a convivência. Doreen, sua mãe, o trata “como um bebê”. Tiffany, sua irmã adolescente, só conversa com o celular. Fred, seu pai, não troca uma palavra com Lucas durante toda a história, mesmo às vésperas de viajar com a esposa para passar dias fora. E por fim Nonna, sua avó, acredita que a casa será invadida por alienígenas, sendo desconsiderada pelos demais.



As crianças não necessariamente são somente vítimas, nem somente *bullies*. Atualmente, já se fala no perfil “*bully/vítima*”, em que a criança agride e é agredida. No filme, ao mesmo tempo em que Lucas é vítima dos garotos da vizinhança, também é, de certa maneira, *bully* do formigueiro, repetindo aquilo que ouviu de seu agressor: “Vou atacar você e você não pode fazer nada. Sabe por quê? Porque eu sou grande, e você é pequeno!”. Sidman (2003) afirma, com base em pesquisas empíricas e experimentais, que coerção gera coerção: “depois de ser punido, um sujeito fará qualquer coisa que possa para ter acesso a outro sujeito que ele possa então atacar” (p. 221).

Dentro do formigueiro, uma formiga-feiticeiro cria uma poção que encolhe Lucas, que é trazido para julgamento pela rainha. A rainha, ao julgá-lo, diz: “Podemos destruir o humano e viver mais um dia, ou podemos mudar a natureza deste humano e talvez criar um futuro melhor para todas as formigas. Sentencio o humano a aprender conosco. Ele deve virar formiga.” Ela toma tal decisão por prever conseqüências a longo prazo de se ensinar comportamentos incompatíveis com a agressão, esperando que esse repertório possa ser disseminado entre os humanos, quando Lucas voltasse ao tamanho normal.

Por trás de todas as aventuras no formigueiro, está o ensinamento da convivência em grupo. Já a primeira atividade para a qual Lucas é escalado – uma corrida rumo a uma gigantesca bala de jujuba – é estruturada para que as formigas trabalhem em equipe e, somente dessa maneira, cheguem ao fim da corrida. A segunda aventura da história é um ataque de insetos ao formigueiro, em que Lucas acidentalmente salva a todos. Nos dois casos, Lucas exhibe acidentalmente um comportamento incompatível com o individualismo e o isolamento e, nesses momentos, é bastante elogiado e valorizado pe-

las formigas. Diz-se, nesses casos, que *esse novo ambiente dá a oportunidade e reforça a ocorrência de comportamentos alternativos*. O reforço se observa quando, cada vez mais freqüente, Lucas passa a se importar com as demais formigas e trabalhar em equipe. As habilidades sociais que ele aprende podem ser traduzidas nos termos: solidariedade, cooperação, empatia, convivência em grupo, liderança não-coercitiva, expressão de sentimentos positivos.

Outra grande diferença entre os relacionamentos no mundo original de Lucas e no formigueiro é a punição *versus* valorização das diferenças individuais:

“Zoc: São as diferenças que fazem a colônia ser forte. Operárias, exploradoras, reprodutores, enfermeiras, regurgitadores, diferentes, mas essenciais para o todo. É daí que as formigas retiram sua força.

Lucas: Minhas diferenças só me fazem apenhar. Alguns humanos preferem bater em pessoas que não entendem.”

Por que algumas crianças são vítimas de *bullying*? É importante destacar que as vítimas são “escolhidas” por suas diferenças, mas que tal informação pouco adianta para prever se uma criança será ou não vítima, uma vez que ninguém é igual a ninguém. Em geral, aquilo que é diferente é: (a) invejável; (b) culturalmente estigmatizado e/ou (c) indefeso. Uma criança pode ser alvo por apresentar características físicas (muito aparentes ou mesmo mínimas) ou comportamentos desprezados por seu meio social, ou até por ter qualidades que seu grupo gostaria de ter. Pode também ser indefesa por não possuir um repertório de enfrentamento adequado para essas situações, mas também simplesmente por estar em minoria.

Não há regra a respeito de como a criança deve reagir para se livrar das agressões, porque *não são as suas reações que mantém o compor-*

tamento dos bullies, e sim as reações da própria turma de bullies que, continuamente, aprova esse comportamento. Pouco importa como a criança reaja (ignorando, retrucando, contando para a diretora); é possível que o *bullying* continue, sendo mantido *pele grupo*. Os membros do grupo elegem uma ou mais crianças para rejeitar e, enquanto se rejeita, não se é rejeitado, mantendo a coesão da turma.

O que fazer com o *bullying*, então? A análise mostrou que: (a) ser vítima não é culpa da criança e (b) as reações voltadas para o *bully* podem pouco funcionar. Conforme o filme, a melhor intervenção é aquela que diminui os riscos de a criança ser vítima e também *bully*, ao aprender habilidades sociais e valores incompatíveis com os existentes no *bullying*. Por essa via, a criança poderá fazer amizade mais facilmente com crianças que não pratiquem *bullying*, inserir-se com mais sucesso em grupos alternativos e comunicar-se com pais e professores para solicitar-lhes ajuda quando for preciso. Além disso, é uma valiosa alternativa para frear a disseminação do *bullying*, como fez a formiga rainha do filme. Alguns dos principais métodos para esse ensino são:

- (a) a monitoria positiva (Gomide, 2004), isto é, nem negligenciar, nem superproteger;
- (b) o arranjo de contingências ambientais que criem oportunidade para emissão e conseqüenciação positiva de comportamentos adequados, como ocorreu na corrida até a bala de jujuba, no filme;
- (c) dar instruções, limites, verbalizar claramente as conseqüências dos comportamentos da criança e dar alternativas de ação, como por exemplo ao dizer à criança: “Você não pode bater no seu amiguinho [limite], veja como ele ficou chateado [conseqüência]. Peça desculpas [conseqüência].” E, diante da mudança de comportamento,

algo como: “Agora gostei [nova conseqüência], que tal se ao invés de bater para ter o brinquedo, você pedir para brincar junto com ele [alternativa de ação], que será mais legal [conseqüência]?”;

(d) a modelação, isto é, pais e professores devem comportar-se da mesma maneira que desejam que a criança se comporte;

(e) proteger a criança e também ensiná-la a se proteger, manejando a interação entre as crianças para que elas próprias aprendam a solucionar problemas.

Por fim, convém lembrar que não praticar a violência gratuita não é sinônimo de ser “bonzinho” (passivo). Os extremos passivo-agressivo se constituem em uma relação de desequilíbrio, ao passo que a assertividade equilibra direitos e deveres nas relações.

1 O artigo é resultado de palestra, apresentada pela mesma autora, sobre o filme “Lucas: um intruso no formigueiro”, apresentado no evento Cine Paradigma, que ocorre mensalmente em nosso espaço, sob coordenação de Joana Singer Vermes.

Referências bibliográficas

NOGUEIRA, R. (2005). A prática da violência entre pares: o Bullying nas escolas. Revista iberoamericana de educación, 37, 93-102.

SIDMAN, M. (2003). Coerção e suas implicações. Campinas: Livro Pleno.

Wikipédia: A enciclopédia livre. [disponível online em 15/04/2008 em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>]

Giovana Del Prette é Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma. Contato: gdprette@gmail.com.

programa de orientação **PROFISSIONAL, PESQUISA E APLICAÇÃO**

Apesar de ser uma das mais importantes decisões que tomamos ao longo de nossas vidas, a escolha profissional nem sempre é uma decisão tomada com os devidos cuidados. Fatores como “a profissão da moda”, “a profissão dos pais” e a opinião de amigos muito freqüentemente são os critérios que determinam tal decisão, deixando para um segundo plano questões como as possibilidades de atuação profissional no mercado de trabalho e a adaptação de habilidades atuais e potenciais do indivíduo.

O programa orientação profissional, pesquisa e aplicação visa auxiliar no processo de escolha de uma profissão ou de recolocação no mercado profissional. Por meio de análises individuais que levam em consideração habilidades do estudante, aspectos importantes de seu universo, e dados do mercado atual de trabalho, busca-se descobrir como essas habilidades podem ser mais bem utilizadas no desempenho diário das inúmeras opções profissionais que se apresentam atualmente.

profissionais responsáveis

Marcio Alleoni Marcos, Giovana Del Prette, Maria Amália Morais Pereira, Marina Mazer, Sueli Amaral

público-alvo

Estudantes do ensino médio e de cursinhos pré-vestibulares, estudantes do ensino superior que não se adaptaram aos cursos escolhidos previamente; profissionais que procuram um (re)direcionamento em sua carreira, em busca de maior realização.

local

O Programa pode ser aplicado individualmente ou em grupos, na sede do Núcleo Paradigma, na cidade de São Paulo ou em outros locais, conforme a necessidade e disponibilidade.

informações

www.nucleoparadigma.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

2º

PRÊMIO

paradigma

DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

O núcleo paradigma orgulhosamente apresenta à comunidade de analistas do comportamento o 2º Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento. O prêmio tem como objetivos incentivar, reconhecer e divulgar a produção acadêmica em Análise do Comportamento nas mais diferentes áreas, visando à sedimentação da teoria, métodos e técnicas que embasam a prática do Analista do Comportamento.

Serão premiados trabalhos referentes a quaisquer tipos de estudo (pesquisa básica, aplicada, teórica/conceitual, estudo de caso etc.) desde que tenham como referencial teórico a Análise do Comportamento. Os trabalhos concorrem em quatro categorias:

- . Tese de Doutorado
- . Dissertação de Mestrado
- . Monografia de Especialização
- . Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia de Graduação.

Veja o regulamento completo no site
www.nucleoparadigma.com.br
e inscreva-se!

Inscrições de trabalhos concluídos até
31 de dezembro de 2008.



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Prêmio paradigma

No dia 5 de julho de 2008 ocorreu em nossa sede a Jornada Científica e Premiação dos melhores trabalhos inscritos no I Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento

O prêmio foi criado para incentivar e reconhecer a produção acadêmica em análise do comportamento e recebeu a inscrição de 22 trabalhos apresentados e defendidos em instituições de ensino superior no ano de 2007 em cada uma de quatro categorias: tese de doutorado, dissertação de mestrado, monografia de especialização e trabalho de conclusão de curso.

A comissão julgadora desses trabalhos foi composta por expoentes da comunidade de analistas do comportamento que atenderam ao nosso convite para participarem da análise dos trabalhos inscritos (veja a lista dos cientistas envolvidos e o procedimento de avaliação e pontuação na página do Paradigma: www.nucleoparadigma.com.br).

Os trabalhos que receberam as maiores pontuações em cada categoria foram os seguintes:

Trabalho de Conclusão de Curso

Dhayana Inthamoussu Veiga

“Brincando de caça ao tesouro: uma análise experimental do controle por instruções”

Trabalho orientado por Andréia Schmidt, na Universidade Positivo – Curitiba, Paraná.

Monografia de Especialização

Mônica Bessa Oliveira

“Leitura analítico-comportamental da proposta de intervenção terapêutica em entrevista motivacional com enfoque na dependência química”

Trabalho orientado por Hérika de Mesquita Sadi, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Dissertação de Mestrado

Paulo André Barbosa Panetta

“O efeito de diferentes durações de luz sobre a aquisição e manutenção da resposta de pressão à barra com atraso de reforço”.

Trabalho orientado por Roberto Alves Banaco, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Teses de Doutorado

(nesta categoria houve um empate técnico)

Ana Lúcia Alcântara de Oliveira Ulian

“Uma sistematização da prática do terapeuta analítico-comportamental: subsídios para a formação”.

Trabalho orientado por Edwiges Ferreira de Matos Silveiras, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

Fabiola Alvares Garcia-Serpa

“Aquisição, generalização e manutenção de comportamentos sociais em meninos considerando diferentes repertórios empáticos no passado”

Trabalho orientado por Sônia Beatriz Meyer, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

Os cinco trabalhos melhor avaliados pela comissão julgadora em cada categoria receberam menção honrosa e seus autores foram convidados a apresentá-los na Jornada Científica que constou da apresentação oral dos trabalhos para que a comunidade presente pudesse conhecê-los e debatê-los.

Estiveram presentes na Jornada, 60 participantes.

Os trabalhos apresentados na Jornada Científica concorreram ainda a uma votação realizada dentre os presentes na jornada, para a escolha da “melhor apresentação oral”. A melhor Apresentação Oral foi conferida a **Dhayana Inthamoussu Veiga** (“Brincando de caça ao tesouro: uma análise experimental do controle por instruções”)

No final do dia, fomos brindados com uma excelente palestra proferida pelo Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, professor titular da UFPA e representante de área na CAPES sobre o tema “Desafios da Análise do Comportamento em Contextos Acadêmicos”

Para nós do Núcleo Paradigma, foi uma enorme satisfação ter vivido o clima de troca científica e o espírito de respeito entre todos os participantes concorrentes e público. Este foi um incentivo para a continuidade do projeto Prêmio Paradigma que, com certeza, terá sua segunda edição no próximo ano para a premiação dos trabalhos defendidos em 2008. Agradecemos a todos os envolvidos no processo, convidando de antemão aqueles que tiverem alguma titulação em análise do comportamento (especialização, mestrado ou doutorado) para se inscreverem como membros da próxima comissão julgadora. Para aqueles que tiverem seus trabalhos de conclusão de curso, monografia de especialização, dissertação de mestrado e teses de doutorado, defendidas em instituições de ensino superior entre 01/01 e 31/12 de 2008, convidamos para que se inscrevam como candidatos à próxima premiação.

Roberto Alves Banaco

Denis Roberto Zamignani

Roberta Kovac

Joana Singer Vermes

curso de formação

CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

novo formato: encontros mensais

coordenação

ROBERTO ALVES BANACO

YARA CLARO NICO

O curso oferece uma introdução às competências básicas para o exercício da clínica analítico-comportamental.

estrutura didática

O Módulo Introdutório do curso de formação em Clínica Analítico-Comportamental é composto de um total de 80 horas, distribuídas em três disciplinas teóricas, que apresentam os conceitos, metodologia e tecnologia da aplicação da análise do comportamento ao contexto clínico:

- Conceitos Básicos da Análise do Comportamento (40 horas)
- Avaliação Comportamental (20 horas)
- Técnicas da Análise do Comportamento aplicadas à clínica (20 horas)

público

- Psicólogos
- Médicos

[com residência em psiquiatria]

dia e horários

Mensalmente

**sábados,
das 8h30 às 18h30**

**domingos,
das 8h30 às 18h30**

**Inscrições abertas
para as turmas de
fevereiro de 2009**

informações

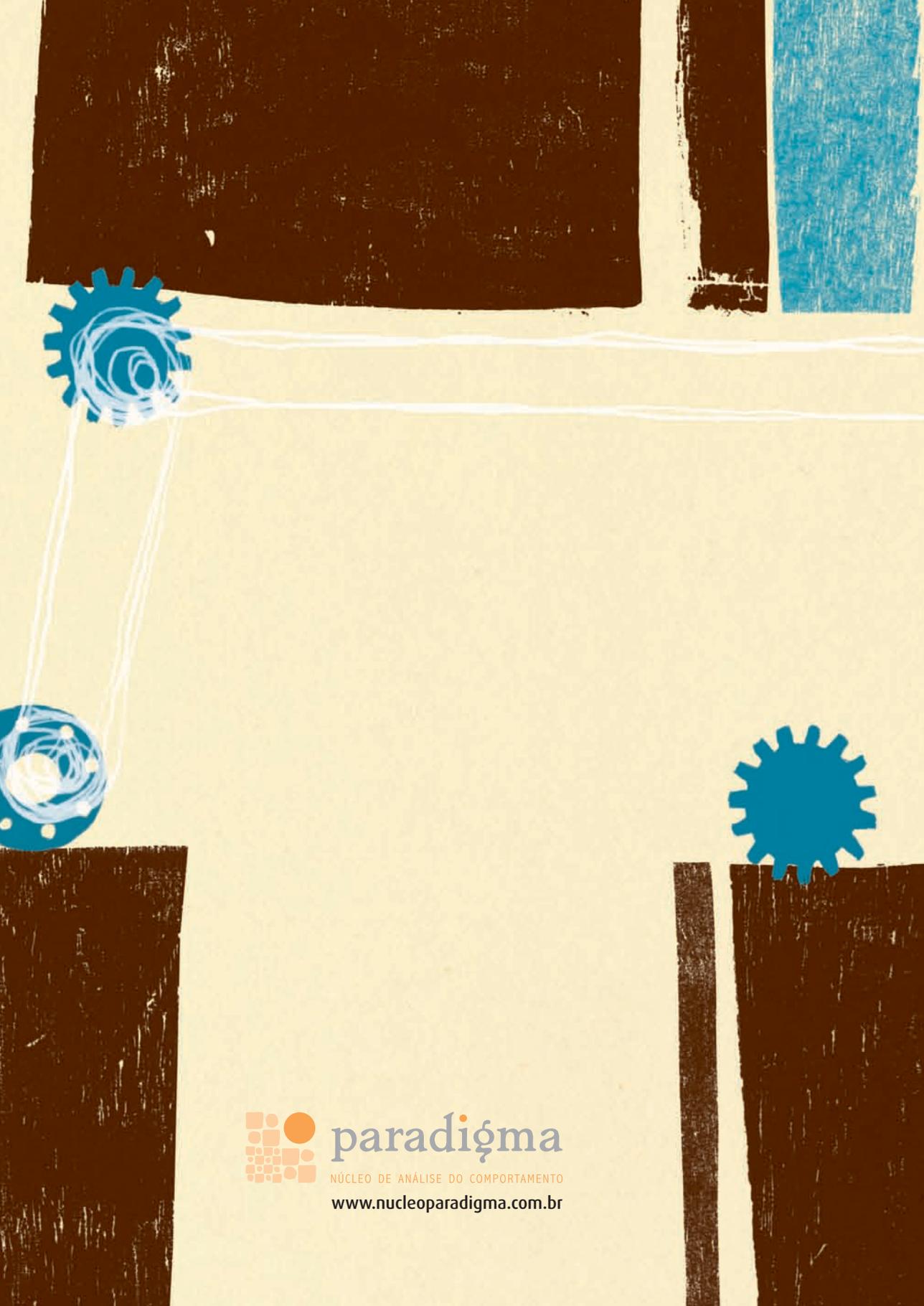
www.nucleoparadigma.com.br



paradigma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rua Vanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732



paradiçma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

www.nucleoparadigma.com.br